

Ministério

MAR-ABR · 2021

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 17,73



RELIGIÃO REVOLUCIONÁRIA

PROMOVA A JUSTIÇA A PARTIR
DA PERSPECTIVA BÍBLICA

A relação entre pandemia, história e profecia + Como ajudar crianças traumatizadas emocionalmente
Lidando com os afastados da igreja + Onde estava Adão quando Eva foi tentada? + Chegue bem à aposentadoria



Baixe o aplicativo CPB



/cpbeditora

28 Seus filhos se levantam e a elogiam; seu marido também a elogia, dizendo:
29 “Muitas mulheres são exemplares, mas você a todas supera.” Provérbios 31:28, 29

DIA DAS MÃES



Neste Dia das Mães, declare todo o seu amor com presentes CPB.

Lançamento especial do livro **A Cruz de Maria**. Confira este e outros produtos da campanha!*



WhatsApp
CPB livraria | ☎ 15 98100-5073
cpb.com.br | 0800-9790606

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910
atendimento@livrarias@cpb.com.br

MKT CPB | AdobeStock

*Campanha válida de 5 de abril a 9 de maio, no site cpb.com.br, aplicativo CPB loja e CPB livrarias.



23

10 O cristão e a revolução
Fábio Augusto Darius
 Uma análise sobre as origens do marxismo e a tentativa de harmonizá-lo com o cristianismo

14 Ministério do resgate
Fernando Beier
 Como lidar com os afastados da igreja

17 Na cena da tentação
Elias Brasil de Souza
 Onde estava Adão quando Eva foi tentada?

20 Sob controle
Ruben Aguilar
 A relação entre pandemia, história e profecia

23 Missão cumprida
Márcio Nastrini
 Como chegar bem à aposentadoria

28 Consolo aos pequeninos
S. Joseph Kidder e Natalie Dorland
 Dicas para ajudar crianças a se recuperarem de traumas emocionais



14

5 Editorial
 7 Entrelinhas
 8 Entrevista
 26 Ponto a ponto
 32 Dicas de leitura
 35 Palavra final



28

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 93 – Número 554 – Mar-Abr 2021
 Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Nerivan Silva
Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Kaleb de Carvalho

Ministério na Internet
www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
 Twitter: @MinisterioBRA
 Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial

Lucas Alves; Daniel Montalvan; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goa; Jeffrey Brown; Abdoval Cavalcanti; Abimael Obando; Adrián Bentacor; Alberto Peña; Antonio Funes; Carlos Sánchez; Davi França; Edilson Valiante; Edmundo Cevallos; Elieser Ramos; Evaldino Ramos; Everon Donato; Geraldo M. Tostes; Levino Oliveira; Ralides Nascimento; Rubén Montero

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
 Rodovia SP 127 – km 106
 Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuá, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
 Segunda a quinta, das 8h às 20h
 Sexta, das 7h30 às 15h45
 Domingo, das 8h30 às 14h
 Site: www.cpb.com.br
 E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 83,30
 Exemplar Avulso: R\$ 17,13



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse



- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.



Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.

- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação



- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa.

- Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.

VOZ DE EQUILÍBRIO

As questões sociais estão em jornais e revistas, conversas e redes sociais. Em algum momento, todos somos chamados a dar nossa opinião sobre o assunto. Alguns membros da igreja pedem orientações, outros observam nossa postura diante desses temas tão complexos. O que fazer? Acredito que um editorial seja insuficiente para abordar todas as nuances do problema; mesmo assim, gostaria de compartilhar alguns pontos que julgo relevantes quanto à nossa maneira de lidar com ele.

Ouçã a sociedade. As mídias sociais amplificaram as vozes de protesto e tornaram a sociedade muito mais sensível às reivindicações de grupos marginalizados. Precisamos considerar atentamente o sofrimento das pessoas que lutam dia a dia para serem tratadas com a dignidade e o respeito que todos merecem, ao serem criados à imagem e semelhança divinas.

Conheça o que Deus revelou sobre o assunto. Injustiça, violência e opressão são condições que acompanham a história da humanidade desde a queda. Por sua vez, as Escrituras apresentam juízos, repreensões e orientações de Deus para que o povo da aliança viva à altura de Seus padrões de justiça. Além disso, os adventistas do sétimo dia têm no ministério profético de Ellen White uma fonte valiosa de conselhos. Portanto, é importante que nossos posicionamentos e nossas ações estejam corretamente alicerçados na revelação divina.

Eduque a igreja. Precisamos admitir que, muitas vezes, limitamos nossos sermões sobre as questões sociais à condição dos economicamente menos favorecidos, esquecendo-nos de outros graves problemas, como o racismo e a desigualdade de gênero. Assim, é necessário ampliar a compreensão dos membros sobre esses temas, de maneira que nosso ensinamento gere mudança de mentalidade e ação.

Pessoas verdadeiramente transformadas pelo evangelho se tornam agentes de transformação em todas as dimensões da vida. Se cada membro da igreja praticar a justiça, amar a misericórdia e andar humildemente com Deus (Mq 6:8), quais seriam os resultados? De que maneira uma visão mais

Pessoas transformadas pelo evangelho se tornam agentes de transformação em todas as dimensões da vida.

abrangente sobre a responsabilidade cristã em relação aos oprimidos impactaria a dinâmica congregacional e os ministérios de serviço à sociedade? É verdade que a complexidade do tema, sua politização e a polarização que o envolve podem ser inibidores. Contudo, uma abordagem bíblica consistente, somada à leitura de livros como *Beneficência Social*, de Ellen White, podem ser de grande auxílio para a promoção de iniciativas equilibradas e relevantes.

Cuide com as discussões públicas. Pastores engajados nas mídias sociais muitas vezes são atraídos a participar de debates públicos, posicionando-se ao lado dos movimentos reivindicatórios e disseminando-os por meio de *hashtags*, curtidas ou compartilhamentos. No entanto, é preciso ter cuidado antes de fazer isso, e considerar algumas questões importantes à luz da cosmovisão bíblica: (1) Quais são os pressupostos por trás desses movimentos? (2) A metodologia usada para reivindicar é legítima? (3) Quais são as implicações diretas e indiretas dessas reivindicações? Lembremo-nos de que os fins não justificam os meios. Além disso, deveríamos ser mais ativos em promover o bem pelo exemplo, não pelo argumento. Li há algum tempo uma frase atribuída a Ross Perot que me fez pensar: “O ativista não é quem diz que o rio está sujo; é quem limpa o rio.” Portanto, que nossas ações falem mais alto que nossas palavras!

Mantenha o grande conflito em perspectiva. Embora o evangelho tenha uma dimensão de transformação social, sabemos que nossos esforços são insuficientes para promover justiça plena a todos. O grande conflito é uma realidade e será extinto somente por ocasião da segunda vinda de Cristo. Até lá, devemos ser solidários com os que sofrem, ativos em fazer o que está ao nosso alcance para ajudá-los e ocupados em apontar a todos o único caminho para justiça plena e definitiva: Jesus Cristo. **M**



WELLINGTON BARBOSA
editor da revista
Ministério

SEMANA SANTA 2021

Restaurados EM CRISTO

MKT CPB | Imagens da DSA



LANÇAMENTO



Traços de Deus
R\$ 42,70
Cód.: 18592



A Paixão de Cristo
De: R\$26,90
Por: R\$18,80
Cód.: 8644



Conhecer Jesus é Tudo
De: R\$12,30
Por: R\$8,60
Cód.: 5100



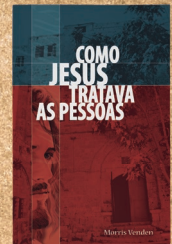
Transformados por Seu Amor
De: R\$30,10
Por: R\$21,10
Cód.: 8778



Guerra no Céu
De: R\$25,60
Por: R\$17,90
Cód.: 14623



Pelo Sangue do Cordeiro
De: R\$39,00
Por: R\$27,30
Cód.: 15436



Como Jesus Tratava as Pessoas
De: R\$28,80
Por: R\$20,20
Cód.: 5098



Milagres de Cristo
De: R\$21,00
Por: R\$14,70
Cód.: 10415



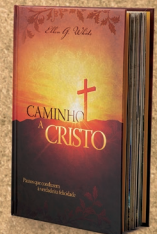
Foi por Você
De: R\$2,70
Por: R\$1,90
Cód.: 5976



Jesus, Tu és a Minha Vida
De: R\$14,50
Por: R\$10,20
Cód.: 5179



Jesus me Diz Assim
De: R\$28,70
Por: R\$20,10
Cód.: 12093



Caminho a Cristo
De: R\$32,60
Por: R\$22,80
Cód.: 16262

Promoção válida a partir do dia 1º/2/2021 até às 23h59 do dia 3/4/2021 ou enquanto durarem os estoques.

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



Baixe o aplicativo CPB



SALVAR E SERVIR

A expressão “justiça social” é muito polêmica. Há um debate por trás desse conceito. Em razão disso, prefiro usar a expressão “justiça bíblica”. Na Bíblia, o termo justiça significa, em seu conceito semântico, julgar, governar, ser justo e correto. Em sua aplicação prática, podemos dizer que, para ser justo, devemos tratar a todos com imparcialidade. Justiça e generosidade se harmonizam. De acordo com a Bíblia, as dádivas que damos aos pobres são chamadas de “obras de justiça” e deveriam ser realizadas sem ostentação (ver Mt 6:1, 2). Essas ações expressam o caráter de Deus e devem ser realizadas em favor de pessoas vulneráveis: as viúvas, os pobres, os estrangeiros e os órfãos (ver Zc 7:9, 10; Dt 10:17-19). Alguém pode perguntar: Por que devemos ter preocupações em relação a essas pessoas? A resposta é simples: porque Deus Se preocupa com elas. Ele Se apresenta como o “Pai dos órfãos e das viúvas” (Sl 68:4, 5).

“Anos atrás, num dia frio na cidade de Nova York, um menino de dez anos, descalço e tremendo, observava atentamente a vitrine de uma loja de sapatos. Uma mulher foi até o menino e perguntou por que ele estava observando a vitrine com tanto interesse. Ele disse que estava pedindo a Deus que lhe desse um par de sapatos. A mulher o tomou pela mão e o levou para dentro da loja. Ela pediu ao atendente que trouxesse seis pares de meias; pediu também uma bacia com água e uma toalha. Levando o rapazinho para o fundo da loja, ela tirou as luvas, lavou os pés dele e os enxugou com a toalha. O atendente chegou com as meias. A mulher colocou as meias nos pés do menino e lhe deu um par de sapatos. Colocou a mão na cabeça dele e perguntou se ele se sentia mais confortável. Quando ela se virou para ir embora, o espantado rapazinho segurou a mão dela e perguntou, com lágrimas: ‘A senhora é a esposa de Deus?’ Aquele menino falou uma verdade maior do



DANIEL MONTALVAN
secretário ministerial
associado para a Igreja
Adventista na América do Sul

Devemos pregar o evangelho com nossa vida e nossas obras.

que imaginava. A igreja de Deus é Sua noiva, Sua esposa.” (*Lição da Escola Sabatina*, professores, 3º tri. 2016, p. 29).

Deus espera que Sua igreja reflita Seu caráter fazendo “obras de justiça”. Isso é o que Ellen White chamou de “mente de Cristo”: “Quando a mente de Cristo se tornar nossa mente, e Suas obras se tornarem nossas obras, conseguiremos observar o jejum descrito pelo profeta Isaías [...] (Is 58:6). Descubram qual é a necessidade dos pobres e sofrendores, e então, com amor e bondade, ajudem essas pessoas a ter coragem, esperança e confiança, compartilhando com elas as boas coisas que Deus deu a vocês” (*Pacific Union Recorder*, 21/7/1904).

Há o perigo de enfatizar exclusivamente as “obras de justiça”, tornando-a a única missão da igreja. Então, no que devemos nos concentrar? Fazer “obras de justiça” ou evangelismo? Em outras palavras, o que é mais importante: alimentar os pobres ou salvar uma pessoa? Devemos pregar o evangelho com nossa vida e nossas obras. Dê aos famintos pão para seus corpos, mas também lhes dê o Pão da vida para suas almas. Forneça água aos sedentos para saciar sua sede física, e também a Água viva para saciar sua sede espiritual. Construa uma casa para os sem-teto aqui na Terra e depois prepare-os para a casa que Jesus construiu no Céu.

Quando nos concentrarmos principalmente no evangelismo, o resultado será alimentar os pobres e ajudar os oprimidos. Que o Senhor nos ajude a integrar evangelização com justiça social. **M**

HERMENÊUTICA BÍBLICA

por Glauber S. Araújo

Ao longo do tempo, a variedade de interpretações do texto bíblico foi responsável por diversas divisões no cristianismo. Na raiz desse problema encontram-se os diferentes pressupostos resultantes das abordagens hermenêuticas utilizadas. Apesar de seu apego às Escrituras Sagradas, a Igreja Adventista não está isenta de problemas no que diz respeito a esse tema.

Nesta entrevista, o doutor **Frank Hasel** explica por que o livro *Biblical Hermeneutics: An Adventist Approach* foi lançado e quais são os principais desafios relacionados à interpretação bíblica atualmente. Nascido na Alemanha, ele trabalhou como pastor, professor de Teologia e diretor da Faculdade de Teologia e do Centro de Pesquisa Ellen G. White do Seminário de Bogenhofen, Áustria. Desde 2016 atua como diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da Igreja Adventista, em Washington, D.C.

Quando pressuposições extrabíblicas ou preferências pessoais moldam nossa maneira de interpretar as Escrituras, isso geralmente leva a conclusões erradas e conflitantes.



O que motivou o Instituto de Pesquisa Bíblica a publicar o livro *Biblical Hermeneutics*?

Na Assembleia Geral de San Antônio, em 2015, houve uma solicitação para que se realizassem estudos mais aprofundados sobre a hermenêutica adventista, uma vez que temos, em alguns contextos, interpretações bíblicas muito diferentes, e até mesmo conflitantes, que têm implicações para a teologia e unidade da igreja. Assim, o livro *Biblical Hermeneutics: An Adventist Approach* é uma resposta a esse pedido.

Considerando os temas atualmente debatidos na Igreja Adventista, quais pontos relacionados à hermenêutica demandam mais atenção dos pastores?

Quando pressuposições extrabíblicas ou preferências pessoais moldam nossa maneira de interpretar as Escrituras, isso geralmente leva a conclusões erradas e conflitantes. Podemos ver isso, por exemplo, nas acaloradas discussões sobre a Trindade e também em diferentes compreensões de alguns aspectos da profecia bíblica, que muitas vezes representam uma grande ameaça à unidade da igreja. Da mesma forma, nossa compreensão sobre fé e ciência impacta diretamente nosso entendimento a respeito da criação bíblica, que é desafiada por alguns que não aceitam a literalidade do texto bíblico. Isso tem profundas implicações em outras questões, como a natureza e a santidade da vida humana, o casamento e a visão bíblica sobre questões de gênero, para citar apenas algumas. Outras áreas sensíveis são o papel de Ellen White para nossa interpretação das Escrituras, quais traduções da Bíblia são confiáveis, ou o que nas Escrituras é universalmente válido ou não é, e por quê.

Como adventistas, nossa história de interpretação bíblica geralmente começa com William Miller. Olhando para as regras de interpretação que ele defendeu, como a igreja amadureceu, continuou ou mesmo mudou sua maneira de interpretar a Bíblia?

As regras básicas de interpretação sugeridas por William Miller ainda são válidas. Os primeiros cinco de seus quatorze princípios de interpretação tratam de algumas regras gerais do estudo da Bíblia, e os demais tratam do estudo da profecia bíblica. Quarenta anos após o grande desapontamento, Ellen White observou que aqueles que “estão empenhados em proclamar a mensagem do terceiro anjo estão examinando as Escrituras segundo o mesmo plano que o pai Miller adotou” (Ellen G. White, “Notes of Travel”, *Review and Herald*, 25/11/1884). Embora recentemente alguns tenham se concentrado em apenas encontrar cumprimentos históricos em eventos contemporâneos, outros seguiram uma abordagem mais orientada para o texto e descobriram aspectos temáticos que fornecem uma compreensão mais profunda sobre a mensagem bíblica. Nesse ponto, a igreja ampliou sua compreensão das Escrituras ao longo dos anos.

Quais tendências hermenêuticas recentes parecem ser mais atraentes para os pastores e acadêmicos adventistas e quais perigos se escondem nelas?

No passado rejeitamos fortemente o método crítico-histórico. Mas nos últimos 50 anos, várias abordagens novas surgiram na área de interpretação bíblica, em parte como resposta a algumas deficiências do método crítico-histórico, as quais nunca contestamos oficialmente como igreja. Algumas dessas abordagens, como a crítica canônica, literária, retórica ou narrativa, parecem muito atraentes para alguns estudiosos adventistas, porque se concentram na forma canônica do texto bíblico e estudam suas características literárias, em vez de dissecar o texto e reconstruir a história por trás do texto, como faz o método crítico-histórico.

Os adventistas apreciam sempre que o texto canônico é respeitado e suas características literárias são estudadas. O papel decisivo do texto canônico torna essas abordagens atraentes. Contudo, o que muitos não percebem é o fato de que mesmo esses métodos não são inteiramente desprovidos de pressuposições críticas. Alguns deles foram desenvolvidos para a interpretação de

A questão da hermenêutica bíblica é um divisor de águas para nossa teologia e, em última análise, afeta nossa mensagem e missão.

literatura secular, e sua aplicação à interpretação bíblica às vezes apresenta problemas. Isso é mais óbvio quando a “realidade verbal” do texto bíblico é contraposta à realidade histórica que ele relata. Além disso, os adventistas creem que o texto bíblico não é apenas uma narrativa fictícia relatada com habilidade, mas que tem um referente histórico direto no qual história e narrativa andam de mãos dadas. A separação da história e do texto bíblico é inaceitável para nós.

Ainda mais desafiadoras são algumas abordagens pós-modernas para a interpretação bíblica, em que o significado não é mais encontrado no texto, mas no leitor, como é o caso do *reader-response criticism*. Nesse caso, o texto bíblico perde sua capacidade de definir seu significado. Interpretar a Bíblia torna-se um exercício aberto, em que vários leitores produzem interpretações novas e sempre mutáveis. Quando o leitor se torna o criador de significado, e tudo está sujeito às restrições de métodos que funcionam puramente em relatos imanentes, a voz de Deus não mais é perceptível nas Escrituras, e a Bíblia perde sua autoridade e poder para reformar e corrigir nosso pensamento e ação.

Outra abordagem que se tornou muito atraente para alguns adventistas é a hermenêutica cristológica, em que Jesus Cristo ou o evangelho se torna a chave hermenêutica que determina o que é válido ou não é nas Escrituras. Por mais atraente que pareça, na prática essa abordagem leva a uma crítica do conteúdo da Bíblia e a um cânon dentro do cânon.

A questão da hermenêutica bíblica é um divisor de águas para nossa teologia e, em última análise, afeta nossa mensagem e missão. Isso exige um tratamento deliberado e prudente sobre o tema, que não apenas copie outras abordagens interpretativas, mas desenvolva uma metodologia que é verdadeiramente bíblica e histórica por natureza. O livro *Biblical Hermeneutics: An Adventist Approach* oferece isso. **M**



O CRISTÃO E A REVOLUÇÃO

UMA ANÁLISE SOBRE AS ORIGENS DO MARKISMO
E A TENTATIVA DE HARMONIZÁ-LO COM O
CRISTIANISMO

Fábio Augusto Darius

Vivemos em um período da história ocidental ainda não compreendido em profundidade, que se tornou objeto de análise para muitos intelectuais e teólogos. De maneira ainda provisória, talvez nosso tempo possa ser pensado como pós-moderno ou outro termo mais ou menos semelhante. Acerca desse contexto histórico, ao analisar sua trajetória pessoal em livro, Eric Hobsbawm, historiador britânico, chamou o século 20 de “tempos interessantes”;¹ sem ousar adentrar profundamente nas ambiguidades do século seguinte.

No entanto, em outro livro, deixou claro que “a destruição do passado [...] é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do findar do século 20”.² Essa perspectiva pode descrever também o alegado fim das metanarrativas e a crescente diminuição do poder simbólico do cristianismo, minado desde o século 19 e descrito pelo filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, ao citar Friedrich Nietzsche, como “ponto de inflexão da pós-modernidade”.³

Gilles Lipovetsky, filósofo francês, considera o atual contexto histórico, de fortes mudanças e progressos científicos, como “tempos hipermodernos”.⁴ Para cunhar essa expressão, ele se valeu do conceito

de “hipertexto”, que diz respeito a um texto bifurcado, sem sequência ou linearidade, cujo fim não pode ser percebido desde o início, estando esse sempre em contínua atualização. Trata-se, sob certa ótica, de um estranho otimismo elencado tão somente por progressos humanos em um plano imanente e repleto de personificações cúltricas e midiáticas. Mais compatível com esses tempos talvez seja o que ele, ainda em 1983, chamou de “era do vazio”,⁵ antevendo o profundo individualismo típico do fim do século 20 e cada vez mais presente hoje.

Por sua vez, Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, tratou nossos tempos pelo conhecido termo “modernidade líquida”. Enquanto o líquido pode ser contido em qualquer recipiente ou discurso vazio, a Verdade, que é sólida, repleta de sentido e significados imutáveis, não é compatível com o que é transitório, finito e desenraizado. A perspectiva de um ser humano, paradoxalmente finito e autosuficiente, é uma questão para o cristianismo responder, a partir da cosmovisão apresentada na Bíblia.

No entanto, nosso tempo não nasceu no vácuo. Foi concebido séculos antes, depois da quebra do paradigma supostamente teocêntrico, no fim da Idade Média,

Tentar combater as injustiças de nossa sociedade a partir dos pressupostos marxistas é insuficiente, uma vez que eles desconsideram, e até mesmo contradizem, as premissas encontradas nas Escrituras

e a inserção de uma nova forma de pensar, conhecida como antropocentrismo. O teocentrismo, algo como “Deus no centro”, talvez não seja a melhor expressão a ser utilizada para aquele período. Soa melhor falar em uma espécie de eclesiocentrismo, algo como “a igreja no centro”. No caso, a Igreja Romana medieval, geralmente mais interessada no poder secular.

O Renascimento, no fim da Idade Média, foi um dos movimentos responsáveis pelo Iluminismo. Este, de forma lenta, mas gradual e sistemática, criou um contexto que obscureceu o papel simbólico e normativo da igreja cristã na Europa. Sob muitos aspectos, há óbvios avanços proporcionados pelo Iluminismo como, por exemplo, o nascimento da ciência moderna. Contudo, certa falta de equilíbrio entre ciência e religião, que outrora proporcionou grandes benefícios ao mundo, levou, no século 19, ao desenvolvimento de ideias contrárias à soberania de Deus e ao lugar do ser humano. Nesse contexto, destacam-se Friedrich Nietzsche, filólogo crítico da religião ocidental, Charles Darwin e sua teoria evolucionista, e Karl Marx, como representante do materialismo histórico, abordagem que condiciona a evolução histórica à luta de diferentes classes sociais, motivada pela exploração dos mais pobres pelos mais ricos.

É possível entender vários aspectos do pensamento desses autores à luz de seu próprio tempo. Contudo, deve-se fazer aqui a ressalva de Paulo: “E não vivam conforme os padrões deste mundo, mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente, para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12:2). Ou seja, o cristão deve ter compromisso primário não com os paradigmas que moldam seu tempo, mas com a revelação divina, que é atemporal. Essa é uma premissa histórica para aqueles que aceitam a Bíblia como sua regra de fé e prática.⁶

Na sociedade, o resultado da influência de pensadores da era moderna sobre a compreensão da religião cristã foi uma grande ênfase em seu aspecto imanente, com resultados desastrosos. Afinal, “quando os deuses morrem, e os sistemas de valores desmoronam, o homem só encontra uma coisa: seu corpo. O domínio do físico”.⁷ Em contrapartida, no mesmo período, Deus levantou um movimento com uma mensagem distinta e a missão de exaltar os fundamentos da verdade contidos nas Escrituras Sagradas.

Recentemente, as redes sociais se tornaram palco de alguns debates nos quais defensores de uma integração entre marxismo e cristianismo levantam questionamentos a respeito da maneira pela qual as denominações protestantes lidam com determinados temas importantes da sociedade. Este artigo se propõe a apresentar uma visão introdutória do marxismo, a fim de avaliar a viabilidade de sua integração com o pensamento cristão, especialmente adventista.

Origens do marxismo

Karl Marx (1818-1883) foi um filósofo, jornalista, historiador, economista e revolucionário socialista. Friedrich Engels, no discurso que fez no funeral do amigo, afirmou: “Marx era, antes de tudo, um

revolucionário. Sua verdadeira missão na vida era contribuir, de um modo ou de outro, para a derrubada da sociedade capitalista e das instituições estatais, [...] para a libertação do proletariado moderno, que ele foi o primeiro a tornar consciente de sua posição e de suas necessidades, consciente das condições de sua emancipação. A luta era seu elemento. E ele lutou com uma tenacidade e um sucesso com quem poucos puderam rivalizar.”⁸

A teoria de Marx, ainda que de formas distintas, serviu como base para revoluções ao redor do mundo. Em seu escopo, o marxismo abarca temas como filosofia e política, entre outros, encontrados em uma série de textos, publicados mais tarde por Engels. É considerado um pensamento clássico passível de múltiplas leituras. Entre seus muitos escritos, *O Capital* (1867) é considerado sua principal obra, por ser resultado de um estudo minucioso da produção material na sociedade burguesa, com a intenção de compreender sua estrutura e dinâmica de funcionamento.

Os conceitos marxistas não são de fácil compreensão, pois envolvem “um tecido de categorias” que caminha “do abstrato para o concreto, [...] das estruturas para a superfície da aparência”.⁹ A maneira pela qual Marx elaborou os conceitos seguiu um método, o materialismo histórico dialético, numa reação aos pensadores idealistas que inicialmente o influenciaram. Esse método defende que as bases materiais devem ser o foco da investigação, pois são objetivas; isto é, existem independentemente da vontade do pesquisador. Assim, não são as ideias (a consciência) que formam os indivíduos, mas as condições de existência (materiais) deles é que formam sua consciência. Isso justifica o termo materialismo e sua perspectiva imanente.¹⁰

Ao analisar as condições sociais de sua época, Marx entendeu que a essência da sociedade reside na propriedade privada e na distinção entre as classes sociais, sendo esses os fatores desencadeadores de problemas como a pobreza, miséria, violência

e exploração. O cerne da teoria marxista reside na superação da sociedade de classes pelo proletariado, pois à medida que a classe trabalhadora ascendesse ao poder e alcançasse a condição de classe dominante, instauraria a democracia para retirar o capital da burguesia e concentrá-lo nas mãos do Estado.¹¹

Esse pensamento presume que o ser humano, como ser histórico e social, é capaz de resolver o problema da exploração resultante da divisão de classes. Nesse processo, a concorrência entre os indivíduos seria abolida e, conseqüentemente, a propriedade privada, estabelecendo em seu lugar “a chamada comunidade dos bens”.¹² Assim, haveria o desaparecimento das crises, e o excedente da produção seria para o suprimento das necessidades de todos. Nessa nova realidade, os jovens poderiam passar por diferentes ramos de produção, já que não haveria trabalho mais valorizado, bem como a extinção da exploração da agricultura por meio da indústria.¹³

Embora marxismo, teoria social, e cristianismo, religião revelada, pertençam a categorias diferentes, ao longo do tempo, alguns religiosos se propuseram a unir os conceitos, em busca de uma religiosidade que se livrasse de algumas distorções do ideal bíblico perpetuadas por séculos.

Sem julgar as intenções dos proponentes dessa integração, é preciso analisar se as principais premissas do pensamento marxista são compatíveis com a cosmovisão bíblica. Em primeiro lugar, de acordo com as Escrituras, a origem da desigualdade social e do sofrimento humano não está no modo de produção, mas na queda da humanidade, inserida no contexto do grande conflito cósmico entre o bem e o mal. Em segundo lugar, ao contrário do pensamento marxista, que defende o poder de a capacidade humana resolver por si mesma os problemas decorrentes da forma pela qual os seres humanos se organizam em sociedade, a Bíblia mostra que a solução para a humanidade está na aproximação com o divino, por meio da

obra salvífica de Jesus Cristo. Finalmente, o marxismo defende a possibilidade de transformar o mundo a partir do processo revolucionário, enquanto o ensinamento da Palavra de Deus é enfático ao dizer que a restauração plena não ocorrerá antes da segunda vinda de Jesus.

Marxismo e religião

Marx não se dedicou a escrever sobre religião, mas a criticou. Como instância social, ela está incluída na crítica feita ao próprio mundo real, do qual ela faz parte. Embora o pensador não ironize a religião, ele a vê como “obra da humanidade sofrida e oprimida, obrigada a buscar consolação no universo imaginário da fé”.¹⁴ Para ele, a crítica da religião é a crítica das condições humanas que faz com que as pessoas busquem a religião.

Por conta disso, cunhou sua frase clássica ao escrever que “a angústia religiosa é, ao mesmo tempo, a expressão da dor real e o protesto contra ela. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, assim como o é o espírito de uma situação sem espírito. É o ópio do povo”.¹⁵ Para Eduardo Chagas, Marx fez a crítica da religião “na sua dimensão social e política, enquanto expressão de alheamento do homem de seu mundo real e de conformação social com esse mundo”, não em sua dimensão privada, pois esta diz respeito a cada indivíduo.¹⁶

Dessa maneira, a religião para Marx tinha papel de protesto impotente para combater a condição humana insatisfatória, ao mesmo tempo que alimentava a esperança ilusória de uma vida em outro mundo, já que este é repleto de desigualdades e injustiças. Assim, essas crenças impedem o ser humano de lutar contra esse estado de coisas e almejar uma transformação real no mundo concreto.

Por isso, tentar combater as injustiças de nossa sociedade a partir dos pressupostos marxistas é insuficiente, uma vez que eles desconsideram, e até mesmo contradizem, as premissas encontradas nas

Escrituras. Longe de uma visão humana imanentista e revolucionária, a única revolução admitida na Palavra é a do amor, exemplificada por Jesus de Nazaré. Aquela que leva o cristão genuíno a agir no espírito de Cristo, a fim de pregar o evangelho que transforma e minorar o sofrimento humano, enquanto aguarda “novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça” (2Pe 3:13).

Referências

- ¹ Eric Hobsbawm, *Interesting Times: A Twentieth-Century Life* (Nova York: Pantheon Books, 2002).
- ² Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos: O Breve Século XX* (São Paulo: Cia. das Letras, 1995), p. 13.
- ³ Jürgen Habermas, *O Discurso Filosófico da Modernidade* (São Paulo: Martins Fontes, 2000), p. 121.
- ⁴ Gilles Lipovetsky, *Os Tempos Hipermodernos* (São Paulo: Barcarolla, 2004).
- ⁵ Gilles Lipovetsky, *A Era do Vazio: Ensaios Sobre o Individualismo Contemporâneo* (Barueri: Manole, 2005).
- ⁶ H. Richard Niebuhr, *Cristo e Cultura* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967), p. 67.
- ⁷ G. Sufferit, *Le Cadavre de Dieu Bouge Encore* (Paris: Grasset, 1975), p. 79.
- ⁸ “Karl Marx’s Funeral”. Disponível em <bit.ly/3jgOUVH>, acesso em 18/1/2021.
- ⁹ José Arthur Giannotti, “Vida e Obra”, em Karl Marx, *Para a Crítica da Economia Política. Do Capital. O Rendimento e Suas Fontes* (São Paulo: Nova Cultural, 1999), p. 17.
- ¹⁰ Karl Marx e Friedrich Engels, *A Ideologia Alemã* (São Paulo: Expressão Popular, 2009).
- ¹¹ Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto do Partido Comunista* (São Paulo: Expressão Popular, 2008).
- ¹² Friedrich Engels, *Princípios Básicos do Comunismo*, em Karl Marx e Friedrich Engels, *Obras Escolhidas* (Lisboa: Avante; Moscou: Progresso, 1982), v. 1.
- ¹³ Engels, *Princípios Básicos do Comunismo*.
- ¹⁴ Giovanni Reale, *História da Filosofia: Do Humanismo à Kant* (São Paulo: Paulus, 1990).
- ¹⁵ Karl Marx, *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2005), p. 146, 147.
- ¹⁶ Eduardo Ferreira Chagas, “A Crítica da Religião como Crítica da Realidade Social no Pensamento de Karl Marx”. Disponível em <bit.ly/39NPxms>, acesso em 14/1/2021.

FÁBIO AUGUSTO DARIUS


professor da Faculdade de Teologia do Unasp, EC



MINISTÉRIO DO RESGATE

Como lidar com os afastados da igreja

Fernando Beier



Certa noite recebi um telefonema de uma senhora que se afastou da igreja que eu pastoreava. Sua voz revelava certo nervosismo. Após os cumprimentos, veio o susto:

– Quero que você saiba que sou grata a Deus por Ele ter me alcançado. Mas preciso lhe dizer algo.

– Pois não!

– Eu não vou mais frequentar a igreja.

– Como?

– Eu... eu creio que será melhor para mim não aparecer mais na igreja.

– Não estou entendendo. Você acabou de chegar. Foi batizada há três semanas.

– Sim, eu sei...

A explicação dela envolvia falta de liberdade dentro da igreja. Mesmo depois de minha forte súplica para que repensas-se sua decisão, ela nunca mais retornou.¹

Infelizmente, a exemplo daquela senhora, muitos cristãos se afastam da igreja. Os motivos vão desde lutas espirituais agudas, até decepções com algo que aconteceu dentro da comunidade espiritual.

Meu intento aqui não é discorrer sobre os porquês que levam tanta gente a se afastar da igreja; e sim, quais opções o pastor ou líder da igreja tem para abordar uma pessoa que se afastou da comunhão com seus irmãos de fé.

Fuga e vergonha

Das várias histórias que acompanhei, quase sempre o afastamento ocorreu por causa de decepções com pessoas da mesma igreja. Percebi que, depois de um tempo, algumas delas reconhecem que devem voltar. No entanto, a vergonha ou a mágoa faz com que esse retorno se torne difícil.

A primeira coisa que faço ao visitar um membro que se afastou da igreja é ouvir sua história com o máximo de atenção, concordando com ele sobre aquilo que é evidente, ou seja, que os problemas são reais para quem deseja permanecer firme na igreja. E por que é assim? Porque a igreja não é um

lugar de pessoas perfeitas. Pelo contrário, cada pessoa traz para a igreja tudo aquilo que carrega em sua natureza. Maurício Zágari afirmou: “Nossa humanidade pecadora sempre encontra caminhos para se manifestar, definindo o tom de nossas relações e comprometendo nossos ideais de comunhão cristã.”²

No início do meu ministério, eu fazia o oposto. Ou seja, eu não dava muita atenção à história de decepção ou mágoa que havia levado uma pessoa a se afastar da igreja. Eu tentava defender a igreja a todo custo. Não percebia que minha atitude transmitia a seguinte mensagem: “Amigo, no fim, a culpa é apenas sua. A igreja é inocente.”

É desnecessário dizer que essa fórmula nunca funcionou. Eu voltava para casa achando que tinha feito meu trabalho, mas a pessoa não se sentia nem um pouco motivada a retornar à igreja. Quando me dei conta desse erro, decidi mudar minha abordagem. Era necessário ouvir com mais empatia as objeções apresentadas. Deu certo. Ouvir com paciência tornou o diálogo mais confiante. Ellen White aconselhou: “Não devemos oprimi-los com censuras desnecessárias, mas deixar que o amor de Cristo nos constanja a ser compassivos e brandos, de modo que chorremos com os que erram e os que se desviaram de Deus.”³

Decepções e mágoas

Nem todos se dão conta, mas quando alguém aceita ser membro de uma congregação espiritual, passa a ter uma experiência em comunidade, na qual os relacionamentos interpessoais serão parte do seu dia a dia. E aí se manifesta o dilema: teremos que lidar com pessoas diferentes em vários aspectos como gostos, sonhos e cultura. Para alguns, trata-se de um desafio bastante intimidador.

Obviamente, em razão da nossa natureza pecaminosa, por vezes, as coisas

fogem do controle, resultando em desentendimentos e separações. Isso mostra que devo ser cuidadoso para, não só ouvir a pessoa com calma, como também não me inclinar para uma solução simplória; isto é, dizer algo que soe inócuo, como por exemplo: “Essas coisas acontecem”, “Não se importe com isso”, “Deixe pra lá.” De fato, frases como essas não ajudam em nada.

Diante disso, creio que será mais proveitoso usar perguntas que afirmações, como: “Por que você acha que chegou nesse ponto?” “Onde estava realmente o problema?” “Você acredita que as coisas poderiam ter acontecido de outra maneira?” Essas perguntas podem levar a pessoa a ver a situação por uma perspectiva não vista antes. Isso não significa que você está concordando ou discordando dos motivos dela, mas apenas trazendo à tona possíveis respostas ao dilema de uma crise que ela está vivenciando com a igreja.

Desafios em comunidade

Uma vez que você tenha ouvido com atenção as decepções e angústias da pessoa, pode-se fazer uma nova pergunta que eu, particularmente, creio ser essencial: “Como você enxerga a igreja de Deus?”

Essa pergunta é importante porque as possíveis respostas oferecerão as pistas que eu preciso para inserir a própria pessoa de volta no contexto da comunidade. Por exemplo: se for mencionado que Deus espera que a igreja seja mais unida, a próxima pergunta que farei será: “Como eu e você poderíamos ajudar a igreja a alcançar esse objetivo?” Assim, estarei pondo alguma responsabilidade sobre essa pessoa, motivando-a carinhosamente a ser o veículo de mudança.

Também posso lembrar das metáforas bíblicas para a igreja. O apóstolo Paulo apresenta algumas delas: (1) a igreja é uma família; (2) a igreja é um campo para plantio e colheita; (3) a igreja é o corpo de Cristo. Ao trazer à memória da pessoa essas metáforas, nova pergunta surge:

“O que podemos fazer juntos para que a igreja cumpra seu papel?”

Perdão e restauração

Inevitavelmente, em algum momento será necessário apresentar o perdão como resposta para as feridas e mágoas. Digo à pessoa que não existem relacionamentos duráveis – seja na igreja ou em qualquer outro lugar – se não houver o desejo de perdoar. Afinal, quem não comete erros?

Em geral, ao citar o perdão, o coração ferido resiste no primeiro momento. Tenho a oportunidade, então, de ler um texto muito importante da Bíblia: “Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. *Perdoem como o Senhor lhes perdoou*” (Cl 3:13, NVI).

Tento trazer ao raciocínio lógico da pessoa o axioma que diz que, em um lugar em que há muita gente, existe a chance de nos decepcionarmos com alguém. Entretanto, também há a possibilidade de alguém se decepcionar conosco. Costumo lembrar que, como líder da igreja, já magoei muitas pessoas, mesmo sem nunca ter a intenção de fazê-lo, bem como lutei em oração para perdoar alguns que me feriram.

Posso mencionar à pessoa nessa hora uma frase de Horace Bushnell: “O perdão [...] significa a restauração da comunhão interrompida”.⁴

Missão e salvação

Se o coração do membro afastado estiver receptivo (o processo pode durar tempo e demandar várias visitas), o passo seguinte será convidá-lo para um novo compromisso – algo que, claro, envolva a missão da igreja. Certa vez, apelei a um jovem fazendo-lhe uma proposta missionária: visitar irmãos de fé que, como ele, tinham se afastado da igreja. “Você poderá ouvir seus irmãos e entendê-los melhor do que ninguém, pois passou pela mesma situação.” Ele me olhou com surpresa, mas depois sorriu, e disse: “Sim, eu quero voltar para a igreja e ajudar. Quando começamos?”

Claro que nem todos terão a mesma reação. Contudo, envolver as pessoas em um compromisso de amor, no qual se sintam úteis e ocupadas, sempre traz algum bom resultado. Ellen White aconselhou que devemos “guiá-los a trabalhar por aqueles que estão mais necessitados que eles. As trevas se dissiparão se puderem ser guiados para ajudar a outros”.⁵

Amor e esperança

Cada membro afastado da igreja necessita saber, acima de tudo, que é amado. Primeiro, amado por Jesus Cristo. Não coletivamente, mas amado como se fosse o único filho. Segundo, amado pelo pastor. Afinal, estou ali porque me importo com ele. Por fim, amado pela igreja, pois a maioria dos membros da comunidade sente verdadeiramente sua falta. Tento mencionar que, como discípulos de Cristo, vivemos por uma “esperança viva”, de que em breve seremos transformados. E mais: temos a garantia bíblica de que a igreja será triunfante sobre o poder do mal (Ap 19:6-9). A leitura de João 10:14 e 16 faz muito bem ao coração da pessoa nesse momento: “Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem. [...] A mim me convém conduzi-las; elas ouvirão minha voz” (ARA). Restará apenas uma pergunta: “Você deseja estar comigo no redil do bom Pastor?” **IM**

Referências

¹ Episódio relatado em meu livro *Liberdade Real* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019), p. 151.

² Maurício Zágari, *Perdão Total na Igreja* (São Paulo: Mundo Cristão, 2019), p. 11.

³ Ellen G. White, *Ministério Pastoral* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 222.

⁴ Citado em Moisés Marinho de Oliveira, *7 Mil Ilustrações e Pensamentos* (Rio de Janeiro: Juerp, 1983), p. 240.

⁵ White, *Ministério Pastoral*, p. 161.

FERNANDO BEIER
pastor em Hortolândia, SP



NA CENA DA TENTAÇÃO

Onde estava Adão quando Eva foi tentada?

Elias Brasil de Souza

O texto hebraico de Gênesis 3:6 parece indicar que Adão estava com Eva na cena da tentação. A Almeida Revista e Corrigida traduz o texto da seguinte maneira: “A mulher viu que a árvore era linda e que seu fruto parecia delicioso, e desejou a sabedoria que ele lhe daria. Assim, tomou do

fruto e o comeu. Depois, deu ao marido, que estava com ela, e ele também comeu.” A Nova Versão Transformadora acompanha a mesma tradução, dizendo: “Depois, deu ao marido, que estava com ela, e ele também comeu.”¹

Aparentemente o primeiro casal estava junto quando Eva interagiu com a serpente e finalmente comeu do fruto

proibido. Essa leitura, contudo, levanta um problema: Adão teria observado tudo sem interferir para evitar que Eva fosse enganada. Se alguém considerar que foi ele quem primeiro recebeu as instruções sobre a árvore proibida (Gn 2:16, 17), torna-se ainda mais intrigante explicar porque permaneceu quieto e deixou a mulher sozinha diante da tentação.

Duas interpretações

Ao longo do tempo, o texto tem sido interpretado de duas maneiras. Alguns teólogos entendem que Adão estava ausente da cena da tentação. João Calvino admitiu que, embora algumas pessoas interpretassem a passagem dizendo que Adão estava com a mulher, essa interpretação “não é de forma alguma admissível”. O reformador então sugeriu “que ele [Adão] logo se juntou a ela, e que, antes mesmo de a mulher provar o fruto da árvore, relatou a conversa mantida com a serpente e o enredou com as mesmas falácias pelas quais havia sido enganada”.²

John Wesley, por sua vez, afirmou que “ele [Adão] não estava com ela quando foi

permanecendo calado diante da cena da tentação [...]. Em vez disso, ela lhe deu do fruto quando se encontrou com ele novamente, para que ele pudesse comer ‘com ela’ e, assim, partilhar dos supostos benefícios do fruto”.⁵

Atualmente, porém, alguns comentaristas estão mais inclinados a acreditar que Adão e Eva estiveram juntos na cena da tentação. Eles apontam o estranho silêncio de Adão,⁶ a flagrante omissão e a passividade quando Eva interagiu com a serpente e, finalmente, sucumbiu à tentação. R. Kent Hughes destacou: “Aqui está um choque: Adão aparentemente estava a par da conversa entre Eva e a serpente!”⁷ John Walton propôs a seguinte reflexão: “Onde estava

Adão estando presente em Gênesis 3:1 a 6 e compartilhando a responsabilidade pela desobediência”.⁹ No entanto, como David Stein mostra em uma tréplica, a questão é muito mais complicada do que Parker poderia presumir.¹⁰ De fato, ambas as visões estão repletas de dificuldades. Se Adão “estava próximo, seu silêncio é inexplicável; se não estava, sua aparente concordância inquestionável e imediata à sugestão de sua esposa é igualmente inexplicável.”¹¹

Apesar dessas dificuldades, este artigo analisa o texto na tentativa de determinar qual dessas interpretações é mais plausível do ponto de vista narrativo. Para isso, dá atenção à sintaxe e ao significado da frase preposicional “com ela” (*‘immah*), e lida com os pronomes plurais em Gênesis 3:1 a 5 e as fórmulas de citação, a fim de verificar se a serpente estava ou não se dirigindo a mais de uma pessoa.

O significado de *‘immah*

Conforme foi dito, o texto hebraico diz literalmente: “Depois, deu ao marido, *que estava com ela*, e ele também comeu.” Alguns estudiosos sugerem que a frase “com ela” indica a associação entre Adão e Eva no ato de comer o fruto. Eles também mencionam alguns exemplos de expressões semelhantes para apoiar essa interpretação. No entanto, a análise dessas ocorrências falha em fornecer um paralelo sintático equivalente a Gênesis 3:6.¹² Portanto, parece que a opção mais proveitosa é procurar uma pista no contexto imediato de Gênesis 3.

Em uma leitura cuidadosa, descobrimos que uma frase equivalente aparece em Gênesis 3:12. Confrontado por Deus, Adão respondeu: “A mulher que me deste para estar *comigo* [*‘immadi*], ela me deu da árvore, e eu comi.” Adão não disse “a mulher que *me* deste”, o que pareceria mais natural; mas, “a mulher que me deste para estar *comigo*”.¹³ Essa expressão provavelmente remeta à intimidade entre homem e mulher,¹⁴ como está implícito em Gênesis 2:22 a 24 (“uma só carne”), que indica



A frase “com ela” parece transmitir a intimidade experimentada pelo primeiro casal no jardim, em vez de a localização espacial de Adão por ocasião da tentação.

tentada; certamente se tivesse, ele teria interferido para prevenir o pecado; mas ele foi até ela depois que ela havia comido, sendo persuadido a também comer do fruto”.³ C. Leupold conjecturou: “Adão não estava com Eva quando a tentação começou, mas se uniu a ela nesse tempo.”⁴

Finalmente, o *Comentário Bíblico Adventista* afirma que a frase “‘com ela’ (ARC), no hebraico, não implica que Adão estivesse junto a Eva o tempo todo,

Adão durante tudo isso?” E responde a seguir: “O texto nos diz, mas por alguma razão temos relutado em aceitar o que é dito: Adão estava lá com Eva.”⁸

Mais recentemente, Julie Faith Parker criticou a tradução da Sociedade de Publicação Judaica por não transmitir a visão de que Adão estava presente na cena da tentação, o que, de acordo com a autora, reflète uma tendência de “culpar apenas Eva por sucumbir à tentação no jardim, mesmo

que o homem recebeu a mulher para estar com ele como uma ajudadora e companheira. Deve-se notar, portanto, que a frase “comigo” (*‘immadi*) em Gênesis 3:12 é paralela a “com ela” (*‘immah*) em Gênesis 3:6. Da mesma forma, “com ela” possivelmente aluda ao relacionamento de Eva com seu esposo, o homem que estará “com ela” em parceria e reciprocidade.

Assim, parece razoável sugerir que “com ela” (*‘immah*) em Gênesis 3:6 indique a intimidade entre Adão e Eva no jardim (cf. Gn 2:22-25). Esta é uma paráfrase sugestiva: “Ela também deu ao homem, que tinha uma relação íntima com ela, e ele comeu.” Em outras palavras, a frase “com ela” não significa que Adão estava com Eva durante o encontro com a serpente. Em vez disso, a frase qualifica o homem como um em comunhão com a mulher. Consequentemente, a frase preposicional “com ela” em Gênesis 3:6 funciona sintaticamente como uma cláusula adjetiva subordinada para qualificar o termo “homem”, não para indicar que Adão estava ao seu lado na cena da tentação. Além disso, como David Stein observou, “na narrativa, Adão é responsabilizado não por deixar de impedir Eva, mas por comer o fruto (v. 17)”¹⁵

Pronomes plurais e fórmulas de citação

Alguns estudiosos argumentam que, uma vez que a serpente se dirige a Eva por meio de pronomes plurais (v. 1, 4, 5), isso deve ser uma indicação de que Adão estava com sua esposa.¹⁶ De fato, a serpente sempre se dirige à mulher por meio do plural “vocês”. Contudo, deve ser observado que o plural não indica necessariamente que Adão estivesse presente na cena da tentação. Uma pessoa pode ser tratada por pronomes plurais se associada a outras pessoas ou representando-as.

Encontramos um exemplo disso no diálogo entre Judá e Jacó a respeito de levar Benjamim ao Egito. É importante destacar que o patriarca respondeu a seu filho fazendo uso do plural: “Israel respondeu: Por que vocês me fizeram esse mal, dando

a saber àquele homem que vocês tinham outro irmão?” (Gn 43:6). Assim, parece que os pronomes plurais não implicam necessariamente mais de um interlocutor. Dessa maneira, os pronomes plurais usados pela serpente não indicam obrigatoriamente a presença de Adão na cena da tentação.

Finalmente, deve-se notar que por duas vezes o narrador introduziu a fala da serpente com fórmulas de citação que retratam Eva como a única interlocutora: “Mas a serpente [...] disse à mulher” (Gn 3:1) e “então a serpente disse à mulher” (Gn 3:4). Apesar disso, a fala da serpente indica que Eva não estava sozinha. Nesse ponto, surge uma tensão entre as declarações inequívocas do narrador e as palavras da serpente. Uma tentativa de resolvê-la é levantar a hipótese de que a serpente usou pronomes no plural a fim de implicar intencionalmente Adão no debate, mesmo que *in absentia*, como ele estava. Com isso, a serpente dá a entender que o casal, não apenas Eva, era o alvo de sua tentação.

Conclusão

Este artigo indicou que Adão não estava com Eva na cena da tentação. Conforme foi apresentado, a frase “com ela” parece transmitir a intimidade experimentada pelo primeiro casal no jardim, em vez de a localização espacial de Adão por ocasião da tentação. Isso é coerente com os dados gramaticais e o enredo da narrativa do Gênesis. Finalmente, duas implicações podem ser notadas. Primeiro, é significativo observar que Ellen White, embora usasse uma versão que apresenta Adão na cena da tentação (King James), tenha se afastado dessa interpretação de Gênesis 3 e indicado claramente que Eva estava sozinha ao dialogar com a serpente.¹⁷ Isso mostra que Ellen White fez um uso criterioso e seletivo da versão King James. Em segundo lugar, Adão e Eva deveriam ficar juntos no jardim a fim de se fortalecerem mutuamente e resistir à tentação. A ruptura dessa união pavimentou o caminho para a entrada do pecado. Que esposos e esposas

estejam juntos, especialmente sempre que possível, mas sempre emocional, afetiva e espiritualmente. **TM**

Referências

- ¹ Ênfases acrescentadas. As versões NAA, ARA e NVI omitem completamente a frase “estava com ela”.
- ² John Calvin e John King, *Commentary on the First Book of Moses Called Genesis* (Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2010), p. 151, 152.
- ³ John Wesley, *Explanatory Notes Upon the Old Testament* (Bristol: William Pine, 1765), v. 1, p. 15.
- ⁴ C. Leupold, *Exposition of Genesis* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1942), p. 152, 153.
- ⁵ Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), v. 1, p. 215. Ver também John Peter Lange, *A Commentary on the Holy Scriptures: Genesis* (Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2008), p. 230.
- ⁶ Paul J. Kissling, *Genesis* (Joplin, MO: College Press, 2004), p. 194.
- ⁷ R. Kent Hughes, *Genesis: Beginning and Blessing* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2004), p. 70.
- ⁸ John H. Walton, *Genesis* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2001), p. 206.
- ⁹ Julie Faith Parker, “Blaming Eve Alone: Translation, Omission, and Implications of הַמִּצֵּי Genesis 3:6b”, *Journal of Biblical Literature* 132, n. 4 (2013): 729-747.
- ¹⁰ David E. E. Stein, “A Rejoinder Concerning Genesis 3:6 and the NJPS Translation”, *Journal of Biblical Literature* 134, n. 1 (2015): 51, 52.
- ¹¹ D. Stuart Briscoe e Lloyd J. Ogilvie, *Genesis* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1987), v. 1, p. 50.
- ¹² Ver Umberto Cassuto, *A Commentary on the Book of Genesis: Part I, From Adam to Noah* (Jerusalém: Magnes Press, Hebrew University, 1998), p. 148; Gordon J. Wenham, *Genesis 1-15* (Dallas, TX: Word, 1998), v. 1, p. 75, 76.
- ¹³ Ênfases acrescentadas.
- ¹⁴ Joel Rosenberg, “The Garden Story Forward and Backward: The Non-Narrative Dimension of Gen. 2-3”, *Prooftexts* 1:1 (1981): 13.
- ¹⁵ Stein, p. 52.
- ¹⁶ K. A. Mathews, *Genesis 1-11:26* (Nashville, TN: Broadman & Holman, 1996), v. 1A, p. 238; Hughes, p. 70; David R. Helm e Jon M. Dennis, *The Genesis Factor: Probing Life's Big Questions* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2001), p. 77, 78.
- ¹⁷ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 53, 54.

Nota: Texto publicado originalmente no site do Instituto de Pesquisa Bíblica. Usado com permissão.

ELIAS BRASIL DE SOUZA

diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Igreja Adventista do Sétimo Dia





SOB CONTROLE

A relação entre pandemia, história e profecia

Ruben Aguilar

A pandemia de Covid-19 é responsável por ceifar a vida de mais de um milhão de pessoas e contaminar outros vários milhões. Essa situação tem provocado alguns questionamentos, por exemplo: Essa pandemia é um sinal escatológico? É um castigo divino ou uma ação satânica? É um caso ou evento fortuito, sem nenhuma relevância?

Responder objetivamente a essas questões pode não ser obrigatório, mas desperta o desejo de esclarecimento.

Dessa forma, neste artigo pretendo abordar alguns pontos. Em primeiro lugar, confirmar a origem de toda tragédia como evento histórico. Em seguida, complementar essa pressuposição com as teorias que definem a realização de eventos históricos. Finalmente, definir a participação divina nos acontecimentos históricos.

Origem das calamidades

A Bíblia revela que Deus é “Todo-Poderoso” (2Co 6:18) e que Suas obras

e Seus caminhos são perfeitos (Dt 32:4; Sl 18:30). Com esses atributos, Deus criou o Universo (Gn 1:1; At 4:24). Cada objeto criado recebeu o qualificativo de “bom” (Gn 1:4,10,12); e ao final da semana da criação, Ele afirmou que tudo era “muito bom” (Gn 1:31). A criação manifestava uma existência sujeita às leis naturais estabelecidas pelo Criador. O ser humano, criado à imagem de Deus, recebeu uma dotação extra: a capacidade de discernimento ou livre-arbítrio (Gn 1:26; 2:16,17).



A criação foi concluída com o primeiro casal habitando no jardim do Éden e dominando a natureza (Gn 1:28; 2:15). O propósito de Deus era que esse ambiente perdurasse eternamente, mas a desobediência à lei estabelecida frustrou o plano divino, e a Terra foi amaldiçoada (Gn 3:1-6, 17). Isso trouxe a morte como consequência da transgressão (Rm 6:23), deixando triste herança para as gerações futuras.

Os juízos divinos se cumpriram ao longo do tempo, como nas portentosas

calamidades do Dilúvio universal (Gn 7:17-24), na destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19:24), nas pragas do Egito (Êx 7:14-12:30), na travessia do Mar Vermelho (Êx 14:27, 28) e na destruição do exército assírio (2Re 19:35). Satanás também pode usar seus poderes para causar tragédias, se Deus lhe permitir (Jó 1:12). Ele movimenta exércitos para matar, faz descer fogo do céu, provoca tempestades de ventos (Jó 1:13-19) e causa terríveis doenças nas pessoas (Jó 2:7). Agentes satânicos se apoderam de pessoas, as quais ficam endemoninhadas (Mt 15:22; Lc 8:29, 30). Segundo o conceito antigo, toda doença ou mal físico é resultado da transgressão às leis divinas (Jó 4:8; Jo 9:1, 2). Tribulação e angústia são prometidas aos que operam o mal e, antes do fim, grande tribulação cairá sobre o mundo (Rm 2:8, 9; Mt 24:21).

Calamidades na história humana

O termo “história” é um vocábulo grego que significa “pesquisa”. Foi utilizado por Heródoto de Halicarnasso (484-425 a.C.) como título da sua obra, na qual procurou narrar eventos político-sociais das nações do antigo Oriente Médio. Outros historiadores seguiram a mesma tendência, com pouco interesse em narrar catástrofes. No entanto, existem sérios indícios de uma tremenda calamidade ocorrida no Império Romano, no século 2 d.C. Essa tragédia se tornou conhecida como peste antonina, possivelmente causada pelo vírus da varíola. O mesmo mal pode ter se manifestado no Japão entre os anos 735 e 737 d.C, conhecido como a peste *kyushu*, que matou um terço da população.

Algumas catástrofes deixaram marcas profundas na história. Por exemplo, a peste negra, conhecida também como peste bubônica, afetou toda Europa, de 1347 a 1351. Acredita-se que ela tenha sido

provocada por uma bactéria transmitida por meio de ratos. O número de vítimas pode ter sido de 75 a 200 milhões de pessoas. Em 1918 foi a vez da gripe espanhola, que matou mais de 50 milhões de pessoas. Ao observar a pandemia atual, é possível considerar alguma interpretação para saber o porquê da ocorrência dessa calamidade.

Diálogo entre história e profecia

Os acontecimentos do passado são o objeto de estudo da História. Isso responde à questão: o que o historiador estuda? No entanto, alguns consideram que para uma interpretação filosófica da História não é tão relevante conhecer “o que” o historiador estuda, mas buscar uma resposta à questão do “por que” ocorre o evento histórico.

Para responder essa questão foram propostas duas teorias: a cíclica e a linear. Segundo a teoria cíclica, a história não tem começo nem fim. Um evento ocorrido se repetirá. Essa forma de interpretação dominava o pensamento de historiadores gregos, como Heródoto, Tucídides e Políbio, e romanos, como Tácito e Lívio.¹ Essa ideia, embora não irrestritamente igual, é semelhante à interpretação bíblica do tipo e antítipo. Jesus declarou que o tempo do fim será como nos dias de Noé e advertiu sobre o aparecimento do “abominável da desolação” (Mt 24:15, 37). Outros eventos que serão repetidos: o livramento do povo de Deus, o derramamento das pragas, a angústia de Jacó, a queda da Babilônia, a chuva serôdia e o Pentecostes, entre outros.

Uma variação dessa teoria foi proposta por Giambattista Vico (1688-1744), em sua obra *Crítica da Razão Histórica*. Ele admitiu que a história é “repetitiva”, mas também é “progressiva”. Ou seja, segue uma determinada orientação, como a figura

geométrica de uma espiral em que a repetição é constante, seguindo uma orientação ascendente.²

A teoria linear é encontrada no idealismo de Friedrich Hegel (1770–1831). Ele defendia a ideia de que a história se desenvolve na procura de um ideal supremo que, para ele, é a “liberdade”. Todos os eventos históricos acontecem de forma sucessiva motivados pelo desejo de liberdade, numa progressão semelhante ao desenvolvimento humano: da infância à juventude até chegar à maturidade.³ Na Bíblia, encontramos narrativas que seguem em sucessão linear. A aliança de Deus com Abraão foi o ideal que motivou a sucessão de eventos do período patriarcal até chegar à terra prometida. A vinda do Redentor e Seu sacrifício foram o ideal que inspirou os ritos do santuário, e “quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o Seu Filho” (Gl 4:4). A segunda vinda de Cristo é o ideal que determina as lutas e vitórias do cristianismo nas fases apocalípticas.

Na segunda metade do século 19 surgiu uma forte expressão da teoria linear, o materialismo histórico, sustentado por Friedrich Engel e Karl Marx. Para esses teóricos, todo evento histórico se origina na luta de classes entre setores privilegiados e grupos sociais submetidos à exploração. O ideal é a cessação paulatina das diferenças sociais até constituir uma sociedade sem classes, ou seja, o comunismo perfeito.⁴

As duas teorias estão baseadas num fundamento que José Maravall chamou de “princípio da causalidade”. A história é uma sequência de eventos promovidos por uma causa ou evento anterior.⁵ A Bíblia revela que a causa das grandes tragédias é o pecado: no Dilúvio, na destruição de Sodoma e Gomorra, no morticínio de Baal-Peor, na opressão no período dos juizes, na destruição de Samaria e de Judá, na queda dos impérios mundiais, entre outras.

Determinismo e profecia

Além do princípio da causalidade, José Maravall enunciou outro princípio para

explicar o fato histórico: o “princípio do determinismo”.⁶ Não se pode duvidar da experimentação e dos resultados dos fenômenos físicos cujos efeitos são determinados e seus resultados podem ser previstos. Do mesmo modo, os eventos históricos não seriam ocorrências aleatórias, mas fatos sujeitos a um determinismo prévio. Uma noção do “princípio do determinismo” é encontrada na obra *Cidade de Deus*, de Agostinho de Hipona (354–430), na qual o autor procura explicar que a queda do Império Romano foi desígnio da Divina Providência.⁷ No século 20, esse princípio foi popularizado por um grande teórico da interpretação histórica: Arnold Toynbee. Segundo ele, a história segue o desdobramento de um plano divino até cumprir o seu propósito teleológico.⁸

Afirmar que a história é o desdobramento do “plano divino”, ou seja, “determinada” por Deus pode ser surpreendente para quem não está familiarizado com a interpretação bíblica. Mas para quem tem intimidade com as páginas sagradas, essa afirmação adquire as características de uma revelação divina, expressa em um estilo literário próprio, pleno de simbolismo, denominada “profecia”. A profecia revela que a história humana não é outra coisa senão a história da salvação. Por isso, “anuncia” claramente que aquilo que irá suceder está “determinado” pela vontade de Deus, que é a salvação dos seres humanos (Is 41:22; Mt 18:14), definida desde o alvorecer da civilização (Gn 3:15). Por essa causa, Deus enviou Seu Filho para salvar a humanidade (Jo 3:16).

A palavra profética nos revela que Deus é o centro da história e controla seus eventos. Sua participação é evidenciada em dois planos de atuação: primeiro, como “Providência”,⁹ projetando o desenrolar dos eventos históricos; segundo, pela participação direta, por meio da encarnação de Cristo. Dessa maneira, assinala o objetivo teleológico para o ser humano, a salvação.

Os filhos de Deus, como testemunhas desses eventos, são advertidos. “Quando virem todas estas coisas, saibam que está próximo, às portas” (Mt 24:33). Embora alguns tenham que sofrer os efeitos das calamidades, Jesus clamou ao Pai: “Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal” (Jo 17:15). A justiça de Deus se manifesta em bênçãos e bem-aventuranças para os fiéis, pois “sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8:28).

Conclusão

Pela revelação bíblica sabemos que o pecado é a origem de todo mal. Assim, as grandes calamidades apontam para as consequências do pecado para a humanidade. Como soberano do Universo, Deus está no controle de todo evento histórico, e essas nefastas ocorrências servem de advertência para Seu povo quanto à proximidade do fim da história humana para o cumprimento final do propósito divino. **IM**

Referências

- ¹ Thomas Ramson Giles, *Introdução à Filosofia* (São Paulo, SP: Edusp, 1979), p. 212.
- ² Jacinto Tredici, *História de la Filosofía* (Buenos Aires: Editorial Difusión, 1962), p. 167.
- ³ Hegel afirma que o idealismo na História começa com as nações do antigo Oriente e se desenvolve nas nações do Ocidente; Giles, *Introdução à Filosofia*, p. 214.
- ⁴ Ver I. M. Bochenski, *A Filosofia Contemporânea Ocidental* (São Paulo, SP: Edusp, 1975), p. 81.
- ⁵ José Antonio Maravall, *Teoria del Saber Histórico* (Madri: Selecta de Editorial Revista de Occidente, 1967), p. 160.
- ⁶ Maravall, *Teoria del Saber Histórico*, p. 146-160.
- ⁷ Ver Tredici, *História de la Filosofía*, p. 84.
- ⁸ Hélio Jaguaribe, *Um Estudo Crítico da História* (São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001), p. 50-52.
- ⁹ Ver L. Alonso Schökel e J. L. Sicre Diaz, *Profetas* (São Paulo: Paulus, 2004), v. 1, p. 64.

RUBEN AGUILAR

professor emérito do Unasp, EC





MISSÃO CUMPRIDA

Como chegar bem à aposentadoria

Márcio Nastrini

Certamente, como eu, muitos companheiros de jornada pensavam que esse dia jamais chegaria. Afinal, Cristo disse que em breve voltaria para buscar os Seus (Ap 22:12). No entanto, Deus vive na esfera da eternidade, e nós estamos circunspectos à finitude. Quando chega o dia da esperada aposentadoria,

sentimentos opostos se confundem no íntimo. A princípio, uma alegria enorme por estar, enfim, terminando oficialmente a carreira ministerial que abraçamos e o compromisso que assumimos. Mas, em seguida, vem a tristeza ao pensar que nada mais será como antes. Não mais teremos a convivência regular com amigos, colegas de trabalho e as atividades dignificantes que,

por décadas, garantiram o sustento e ocuparam a maior parte da nossa existência. Nessa hora, passa o filme de uma vida inteira de dedicação, renúncias, momentos bons e outros ruins. A tendência é falar das coisas boas e suavizar as traumáticas. Porém, todas foram situações em que demos o melhor para alcançar a excelência em favor da obra de Deus.

Nova etapa

Aposentadoria é apenas um período que conquistamos para estar mais presentes na família, estreitar laços de amizade que o tempo, sempre escasso, inviabilizou e ter oportunidade para viver de forma desacelerada. O ministro que alcança sua jubilação somente se desvincula de um contrato profissional. Nenhum pastor se aposenta dos laços fraternais e muito menos da vocação que abraçou, a qual jamais deve sair do coração, até que o Salvador volte.

Nunca imaginei que esse momento chegaria tão rápido! Apesar de 38 anos terem se passado, parece que foi ontem que recebi as boas-vindas para iniciar o

e emocional. Uma versão da música de Charles Chaplin, cineasta inglês, que aparece em seu filme *Luzes da Ribalta*, diz: “Para que chorar o que passou / Lamentar perdidas ilusões / Se o ideal que tanto nos acalentou / Renascerá em outros corações?” Para se manter saudável é preciso apagar as angústias e contratempos que, algumas vezes, podem ter provocado mágoas e dores ao nosso coração. Lamentos e remorsos são como a cadeira de balanço: suga de nós uma boa quantidade de energia, somente para se movimentar para frente e para trás, mas não nos leva a lugar algum, porque não sai do lugar!

Por isso, procure alimentar-se bem. Manter a condição física em dia. Realize pe-

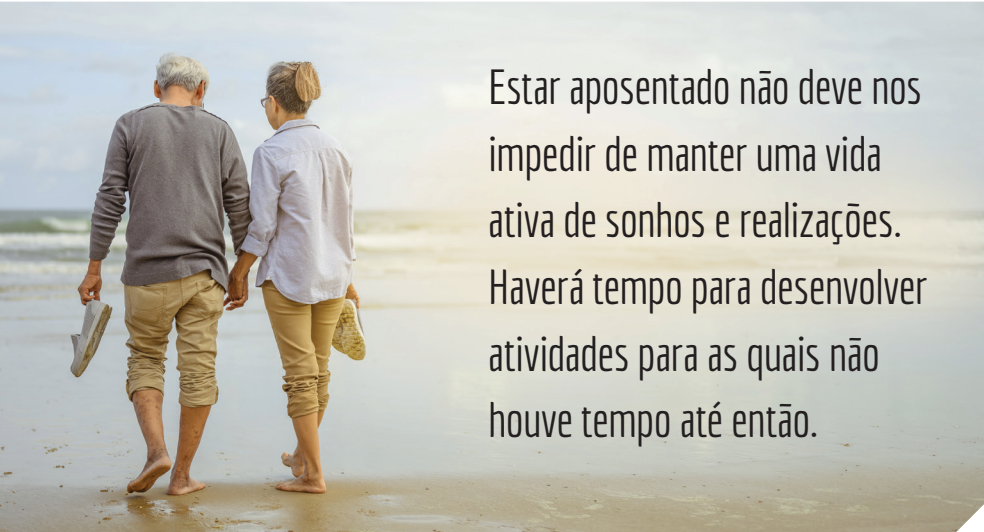
vida com dignidade, valorizando e identificando nas redes de relações na família a principal razão da aposentadoria bem-sucedida que dizem experimentar”¹

Costumo dizer que não há maior prazer e riqueza do que ter a família reunida à mesa, conversando e participando nem que seja de uma simples refeição. A aposentadoria proporciona esse privilégio.

A pesquisa também revela que a aposentadoria permite “orientar os filhos em sua fase adulta, ensinar e brincar com os netos [...]. A fase da família ampliada concentra-se na relação entre o casal. As situações de lazer escolhidas [...], as conversas, os passeios. O círculo familiar do aposentado representa um local privilegiado, onde os parentes se encontram para uma convivência festiva. Inclusive as novas amizades que frequentam a casa, tais como parentes dos filhos, dos genros e das noras. É um momento em que pais e filhos, ambos adultos, podem compartilhar como iguais, e isso pode configurar uma grande e intensa transformação”²

Estabilidade financeira. Felizes são aqueles que podem chegar à aposentadoria usufruindo de estabilidade financeira! Aprendi muito cedo a fazer esse dever de casa. O pastor que não faz provisão para sua aposentadoria passará maus momentos depois.

Durante meu ministério tive oportunidade de compartilhar com colegas mais novos o caminho para alcançá-la. Por exemplo, dos 10 aos 20 anos de ministério, empenhe-se em adquirir um terreno. É mais acessível do que financiar um imóvel. Além disso, no exercício do pastado, você certamente mudará de um lugar para outro diversas vezes. Um terreno, seja onde for, será mais fácil de vender ou negociar. Se tiver condições, adquira outros, principalmente quando há oportunidades de novos lançamentos. Dos 25 aos 30 anos de ministério é hora de pensar em um imóvel. Com a venda dos terrenos, você poderá adquirir algum imóvel pronto ou construir um. Alugando ou residindo nele, você contará com



Estar aposentado não deve nos impedir de manter uma vida ativa de sonhos e realizações. Haverá tempo para desenvolver atividades para as quais não houve tempo até então.

ministério. Muitas pessoas marcaram definitivamente minha história, felizmente, a maioria de forma muito positiva que, com certeza, levarei por toda a vida. A despedida não deve ser um adeus, mas apenas a perspectiva de mais uma etapa da vida.

Preparação

Existem muitos livros, trabalhos e publicações a respeito da preparação para a aposentadoria, mas gostaria de destacar seis áreas as quais considero mais importantes.

Saúde. Sentimentos de frustração e fracasso muitas vezes invadem o coração do ministro. Ao longo dos anos, isso pode causar sérios problemas de ordem física

riodicamente seus exames médicos, principalmente os preventivos. É muito triste ouvir de colegas que chegam ao fim da jornada ministerial desgastados, enfermos, alquebrados por não terem dado atenção à saúde. Importe-se com você mesmo!

Família. Pesquisa publicada na *Revisita Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano* constatou que “o aposentado, com sua experiência, sabedoria e sua maior riqueza, que é ter tempo livre, pode colaborar na integração dos seus familiares. [...] O lar do aposentado e de sua família pode tornar-se um centro de animação, cuja missão principal é a alegria de viver juntos, assegurando um estilo de

uma renda extra, o que será ótimo para fazer frente aos gastos mensais.

Logicamente, há outros tipos de investimentos como ações e aplicações financeiras. No entanto, há um velho ditado que diz: “Quem compra terra não erra”. Ellen White era muito econômica, e mesmo vivendo com extremas limitações financeiras, sempre se preocupou em ter seu próprio lar. Nos últimos anos de vida, ela teve o privilégio de desfrutar de uma casa própria. Em seus livros encontramos muitos conselhos a esse respeito. No entanto, três deles sempre mantive comigo: (1) “Muitos não se têm educado o bastante para manter suas despesas nos limites de seus rendimentos [...], sobrecarregando-se de débitos, conseqüentemente ficam desencorajados”;³ (2) “Gastar e usar o dinheiro para qualquer fim, antes que o mesmo seja ganho, é um laço”;⁴ (3) “Nega-te mil e uma coisas antes de entrar em outra dívida [...]. Evita-a, como evitarias a varíola”.⁵

Relacionamentos. “Nenhum ser humano é uma ilha, isolado em si mesmo”, ensinou o poeta e religioso inglês John Donne, “todos são parte do continente, uma parte de um todo”. Na maioria das vezes, dependemos de pessoas. Seja para discutir planos, buscar orientação ou pedir ajuda. E isso se torna mais necessário durante a aposentadoria.

Ter alguém, nem que seja para contar causos e relembrar histórias de combate ao redor da mesa, é sempre muito bom. Os avanços tecnológicos e as mídias sociais também permitem interagir e se comunicar com maior frequência com amigos e familiares distantes. Mas lembre-se de que nada substitui a sociabilidade presencial. Caso contrário, viveremos a ilusão de estarmos juntos, porém solitariamente conectados.

Durante o ministério convivemos com muitos colegas. No entanto, na aposentadoria iremos nos relacionar mais com aqueles que se tornaram nossos amigos. Não deixe morrer esses laços de amizade. Cultive, fortaleça e dedique-se a eles.

Missão. No ministério não existem profissões do púlpito, do ensino, da saúde

ou das publicações. Quem nele se engaja para dele se servir, talvez seja um empreendedor que está em lugar errado. É preciso viver pela missão da igreja. Essa paixão deve continuar mesmo após a jubilação.

Ellen White teve uma vida ativa até os 87 anos. Aos 64 anos, quando a maioria das pessoas se aproxima da aposentadoria, ela servia na Austrália como conselheira e missionária, com outros intrépidos pioneiros da igreja, a fim de ajudar a estabelecer uma base para a obra do Senhor na Oceania. Ao mesmo tempo, brotava de sua hábil pena uma torrente contínua de artigos inspiradores, cartas e conselhos que chegaram até os editores, líderes e membros da igreja, não só na Austrália, mas também na Europa e nos Estados Unidos.

Projetos. O ministro que se aposenta deve continuar com projetos de vida. Como disse alguém: “O aposentado é como a bicicleta: se parar, cai.” Estar aposentado não deve nos impedir de manter uma vida ativa de sonhos e realizações. Haverá tempo para desenvolver atividades para as quais não houve tempo até então. Alguns, entretanto, encaram esse período com grande apreensão, seja pelo medo de ter sua renda diminuída ou pela falta de perspectiva do que fazer com seu tempo livre.

Denise Mazzaferro, mestre em Gerontologia e sócia-diretora da Angatu IDH, afirma que “na prática, para formular um projeto de vida, o primeiro passo é entender que com a aposentadoria começará um novo ciclo. Ter um projeto de vida está ligado a ter um propósito. Se faz sentido para você ser avô ou um empreendedor, exercer esse papel lhe dará a sensação de pertencimento. Isso é uma fonte de prazer e bem-estar”.⁶

Atualmente, uma pessoa de 70 anos pode ter mais 20 anos pela frente, e precisa ter um projeto para que esse tempo faça sentido. Os planos que empreendermos serão responsáveis por gerar ou não satisfação pelos próximos anos. “Dificilmente apenas uma atividade ou um curso serão suficientes para gerar satisfação por tanto tempo.

Então, o alerta que fica é: nunca pare de sonhar e planejar. Essa é a única maneira de sentir-se feliz e ter uma vida que responda a seus anseios”, acrescenta Denise.⁷

Sentimento de realização

Não se esqueça de agradecer a Deus por todas as experiências vividas no ministério. Saiba que tudo aconteceu segundo Sua vontade, e que foi Ele quem atendeu todas as suas necessidades, pois ninguém melhor do que Ele para saber do que precisamos. Também não podemos nos esquecer daqueles que nos enxergaram melhor do que somos, pela capacidade que tiveram de nos perceber devagar, já que a tendência da maioria é nos analisar mais depressa.

Esse é um momento ímpar em que afloram as emoções e sentimentos diversos de alegria e satisfação do dever cumprido e da chegada do merecido descanso. Mas ficam as saudades dos laços afetivos construídos e das amizades indelévels que o tempo não desfaz. Nosso sincero desejo deve ser que a dedicação à proclamação do evangelho e a bênção do Senhor sejam companheiras assíduas na vida de cada ministro que continuará a missão, até que Jesus volte para nos conceder a coroa da vitória. **M**

Referências

¹ Raquel Pedreira da Cruz Azevedo e Ana Maria Almeida Carvalho, “O Lugar da Família na Rede Social do Lazer Após a Aposentadoria”, *Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano*, n. 3, v. 6, dez. 2006, p. 81.

² Azevedo e Carvalho, “O Lugar da Família...”, p. 76, 77.

³ Ellen G. White, *O Lar Adventista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), p. 374.

⁴ White, *O Lar Adventista*, p. 392.

⁵ White, *O Lar Adventista*, p. 393.

⁶ “Projeto de Vida: O que fazer depois da aposentadoria?” Disponível em <bit.ly/3a736MH>, acesso em 26/1/2020.

⁷ “Projeto de vida: O que fazer depois da aposentadoria?”

MÁRCIO NASTRINI

foi editor associado da
Ministério por nove anos.
Escreveu este artigo por
ocasião da sua jubilação



UNIÃO ESTÁVEL

Ángel Manuel Rodríguez

A prática da união estável está se tornando cada vez mais comum no mundo ocidental, como um substituto para o matrimônio cristão. A expressão geralmente define um relacionamento heterossexual de curto ou longo prazo fora do casamento.

O assunto em si é complexo e difícil de abordar, mas devemos estar dispostos a analisá-lo. A prática da união estável era entendida como uma indicação de decadência moral e considerada fornicação, mas a compreensão sobre o tema mudou ao longo do tempo.

Atualmente, a sociedade não somente aceita a união estável como um tipo de casamento como também a incentiva, seja diretamente, pelo exemplo das personalidades midiáticas, seja indiretamente, ao reduzir os benefícios de seguridade social para viúvas ou viúvos que se casam novamente.

Para avaliar o assunto em discussão, temos que examinar alguns pontos relacionados ao entendimento bíblico sobre o casamento e a compatibilidade do ensino das Escrituras com a união estável.

1

O casamento foi instituído por Deus

A Bíblia ensina que o casamento foi instituído pelo próprio Deus e era muito bom

(Gn 1:31; 2:22-24). O Senhor ajustou a função ou operação de tudo o que criou, a fim de garantir seu funcionamento adequado e sua interação com o resto do mundo criado (Gn 1:4, 12, 17, 18). Depois de criar Adão e Eva, Deus os uniu e definiu a maneira pela qual deveriam se relacionar (Gn 3:24). Portanto, para os cristãos, o casamento deve ser um reflexo da relação original que Deus estabeleceu entre o homem e a mulher. Qualquer reivindicação de independência da intenção divina para o matrimônio é seriamente suspeita.

2

O casamento tem uma dimensão pública

O casamento não é um acordo feito entre duas pessoas isoladas do Senhor e de outros seres humanos. Nas Escrituras, o matrimônio ocorre aos olhos de Deus e de outras pessoas, a fim de inserir no relacionamento os elementos de responsabilidade e legitimidade mútuas. Originalmente, Adão e Eva estavam unidos na presença do próprio Deus. Desde então, a união de duas pessoas no matrimônio tem sido um evento comunitário (ver Jo 2:1).

O estabelecimento de uma família não é considerado uma questão de discricção individual, mas um evento que tem um impacto na sociedade em geral. Esse entendimento não é popular em uma cultura que enaltece o individualismo,

mas é importante em uma sociedade que busca preservar seus valores e sua integridade.

3

O casamento implica compromisso permanente

A união efetuada no casamento estabelece uma relação de caráter definitivo e permanente. Na Bíblia, o matrimônio não é uma experiência que permite ao casal determinar se permanecerá comprometido ou não um com o outro. É a expressão de um amor tão puro e profundo que deseja expressar-se em uma aliança vitalícia. Nessa nova relação, o cônjuge deixa o pai e a mãe para se unir à pessoa amada (Gn 2:24; Mt 19:6). Há uma separação que leva a um novo tipo de unidade duradoura com base no amor. É nesse relacionamento marcado pelo respeito mútuo, compromisso e permanência que a atividade sexual ocorre, como expressão "sacramental" da unidade do casal. Esse precioso ato une vidas, não simplesmente corpos.

4

Casamento e união estável são incompatíveis

A partir da Bíblia é possível constatar que casamento e união estável são duas coisas incompatíveis. A união estável é basicamente a união de duas pessoas sem



buscar a bênção de Deus e a aprovação formal da comunidade. Portanto, é fundamentalmente um relacionamento para o presente, que pode considerar pouco sua condição no futuro.

O elemento de compromisso mútuo nessa relação é menor do que em um casamento cristão, o que muitas vezes leva um dos parceiros a nutrir medo. Além disso, na união estável há um risco maior de o casal se ferir emocionalmente, provocando cicatrizes permanentes. Ninguém deve fingir que só pode viver o presente, sem levar em consideração o futuro e as intenções de Deus para nosso bem-estar social e espiritual no relacionamento conjugal.

5

União estável por conveniência

É um pouco mais difícil avaliar o caso de idosos que se apaixonaram, mas optaram por viver amasiados para não perder alguns benefícios financeiros. Às vezes, sugere-se que eles não são sexualmente ativos e tudo o que procuram é companhia. A implicação é que, em certas circunstâncias, a união estável pode ser aceitável. Essa linha de argumentação tende a ignorar o fato de que somos seres sexuais até a morte.

Obviamente, não há nada de errado com a amizade entre duas pessoas idosas. Se elas gostam de ficar juntas, ninguém tem o direito de levantar suspeitas sobre seu comportamento. O casal é quem

deve estabelecer o momento em que a relação se torna estreita, passando do nível de amizade para a intimidade. Se isso acontecer, é importante que ele tenha em mente várias coisas que, além das mencionadas acima, indicam um relacionamento não aprovado.

Em primeiro lugar, nesse caso, a união estável desvaloriza a qualidade do relacionamento, dando prioridade às necessidades financeiras pessoais em oposição ao amor mútuo. O compromisso não é total, mas limitado. Existe uma barreira que o amor deles parece não ser capaz de superar e que, em certa medida, os mantém separados. Não há plenitude em sua união.

Em segundo lugar, o amor verdadeiro deve estar disposto a se sacrificar pela pessoa amada. Essa é uma característica fundamental do amor cristão, conforme revelado na vida e no ministério de Cristo. Esse tipo de amor mostra-se na vontade de se comprometer verdadeira e completamente com o outro, sem reservas.

Terceiro, por meio da disposição de se comprometerem um com o outro, apesar das perdas financeiras, os casais idosos mostrarão às gerações mais jovens o caminho que devem seguir ao iniciarem um relacionamento amoroso. Esse modelo de valores cristãos é uma grande necessidade para a comunidade cristã atualmente.

Finalmente, seria útil para a igreja e os líderes sociais procurar os legisladores em

um esforço para modificar as leis que tornam difícil para os idosos se casarem novamente devido às implicações financeiras dessa decisão. A sociedade deve mostrar sincera preocupação com o bem-estar dos membros da terceira idade, promulgando leis que irão facilitar sua segurança emocional e financeira.

Concluindo, os membros da igreja devem fazer todo o possível para ajudar os casais que vivem amasiados a se unirem em casamento. Devemos amá-los e cuidar deles, apesar do fato de não podermos aprovar seu estilo de vida. A maioria deles simplesmente ainda não conhece a beleza de um verdadeiro lar cristão. Reconhecemos que muitas vezes os casamentos cristãos enfrentam desafios difíceis e que, com mais frequência do que gostamos, alguns deles acabam em divórcio, mas ainda são a melhor opção para a formação e preservação familiar. Muitas vezes, a união estável é reflexo de algum problema espiritual. Nesse caso, a solução passa por um novo compromisso com Jesus, que possibilita a alguém se comprometer verdadeiramente com outra pessoa. **M**

Nota: Texto publicado originalmente no site do Instituto de Pesquisa Bíblica. Usado com permissão.

ÁNGEL MANUEL RODRÍGUEZ

ex-diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Igreja Adventista do Sétimo Dia



CONSOLO AOS PEQUENINOS

Dicas para ajudar crianças a se recuperarem de traumas emocionais

S. Joseph Kidder e Natalie Dorland

O mundo está repleto de problemas graves que afetam a todos, inclusive os menores. Crianças em nossas igrejas, matriculadas em nossas escolas e vivendo em nossas comunidades podem estar sofrendo com dores e perdas resultantes de situações como a pandemia do coronavírus, o divórcio de seus pais, a mudança para uma nova casa, os impactos do desemprego na família, a morte de um ente querido ou até violência doméstica. Assim como os adultos, elas precisam de cura.

Superar essas dificuldades é possível, e este artigo apresenta uma lista de atividades que podem ser realizadas para ajudar as crianças a se recuperar da ansiedade, do luto, estresse e medo que possam ter experimentado. Durante Seu ministério terrestre, Jesus deixou bem claro o quanto Se preocupa com o tratamento dado às crianças. “Então trouxeram algumas crianças a Jesus para que as abençoasse, mas os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, vendo isto, indignou-Se e disse-lhes: ‘Deixem que os pequeninos venham a Mim; não os impeçam, porque dos tais é o Reino de Deus. Em verdade lhes digo: Quem não receber o Reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele.’ Então, tomando as crianças nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava” (Mc 10:13-16).



Foto: Frezels / Adobe Stock

Jesus teve compaixão das crianças, e hoje é necessário demonstrar por elas a mesma atitude. Em nossa experiência ministerial, percebemos a necessidade de dedicar mais tempo ao cuidado das crianças que sofrem em nossas comunidades. Depois de pesquisar sobre o assunto, conversar com conselheiros profissionais e experimentar essas técnicas em nosso dia a dia, descobrimos que ajudar crianças a se recuperar de traumas pode ser feito de maneiras simples e práticas.

Memorizar as Escrituras

Uma das formas de ajudar uma criança a superar a tristeza é memorizar versos

amizade e a presença de Deus em meio às dificuldades da vida. As Escrituras Sagradas transmitem paz e segurança para elas e seus responsáveis.

Servir outras pessoas

Jéssica, uma menina cristã, perdeu seu avô.¹ Ela ficou abalada e sentiu muito a falta dele. Mas um presente que ele lhe deu fez uma grande diferença. Antes de morrer, o avô deu a Jéssica alguns livros e folhetos missionários que ele costumava distribuir às pessoas e pediu-lhe que continuasse fazendo isso. Ela encontrou alegria e significado em compartilhar literatura sobre Jesus com as pessoas de sua

estavam se divorciando, ela tinha dificuldades com as amigas na escola e estava preocupada com uma mudança iminente para um lugar distante.

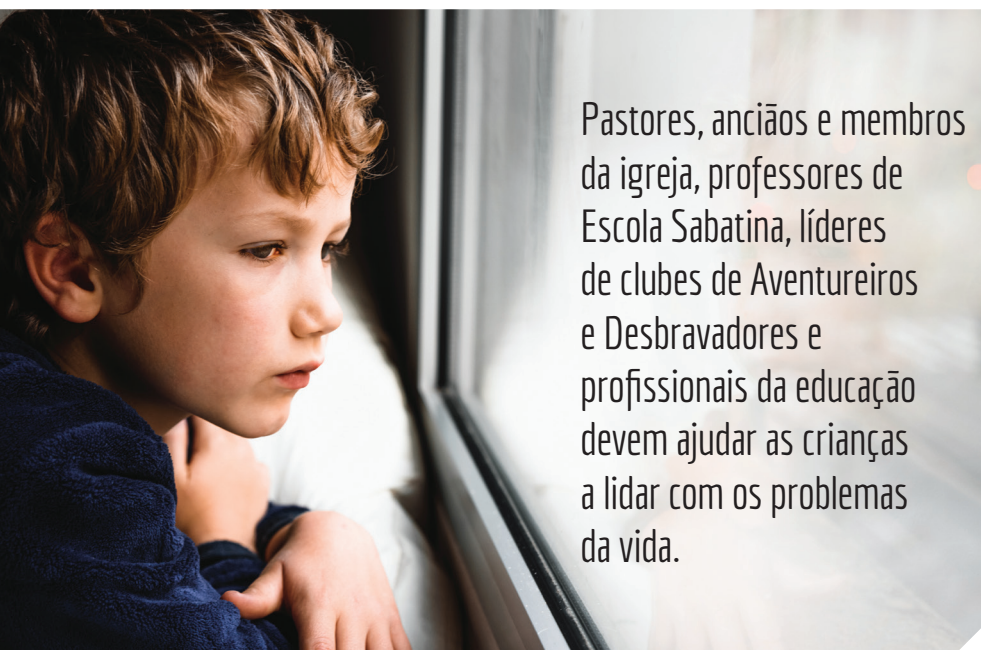
Perguntei se queria conversar, mas ela não quis. Então, perguntei se queria desenhar. Sabendo que ela gostava muito de arte, eu já havia preparado uma mesa com lápis de cor, giz de cera e muito papel. Sentamos e desenhamos em silêncio por 15 minutos. À medida que nosso tempo se aproximava do fim, quis saber o que ela havia desenhado. Pouco a pouco, a menina falou sobre a dor que sentia, ao explicar o que significava seu desenho. Desenhar e pintar foi algo terapêutico para ela e proporcionou a oportunidade de conversarmos sobre suas preocupações e seus medos.

Estudiosos afirmam que desenhar e pintar é um método de terapia benéfico para ajudar crianças em recuperação: “Isso é particularmente verdadeiro para crianças pequenas que geralmente têm um vocabulário limitado [...] em vez de métodos de terapia padrão, as crianças podem usar a arte para comunicar seus pensamentos e sentimentos aos adultos que desejam ajudá-las a lidar com os desafios da vida”.⁴ A mesma técnica está sendo usada por muitos adultos também!⁵

Ler

Ler sobre as diferentes emoções ajudará a criança a entender o que está sentindo. É importante explicar-lhe também que sentimentos negativos diante das dificuldades são normais e recaídas podem acontecer. Esclareça que outras crianças e adultos também se sentem assim. Ler é muito terapêutico e útil para crianças de todas as idades.

Existem muitos livros cristãos que tratam dos diferentes sentimentos que experimentamos. Essas histórias podem ajudar as crianças a lidar com suas angústias ao levá-las a se relacionar com um personagem que está passando por uma experiência semelhante à sua.⁶ Disponibilize esses livros gratuitamente em sua igreja e passe



Pastores, anciãos e membros da igreja, professores de Escola Sabatina, líderes de clubes de Aventureiros e Desbravadores e profissionais da educação devem ajudar as crianças a lidar com os problemas da vida.

da Bíblia com ela. Aproximar-se de Deus a ajudará a se sentir segura quando tudo parece estar desmoronando. Ao ministrar às crianças, você assume a responsabilidade pela saúde espiritual delas, o que significa que ensiná-las a se aproximarem de Deus é sua prioridade.

Escreva versos bíblicos em pedaços de papel que possam ser coloridos e fixados pela casa. Compartilhe com os responsáveis pela criança uma lista de versículos que possam ser lidos e decorados quando ela se sentir sozinha ou desanimada. Cerque-a de promessas sobre esperança, conforto,

comunidade. Servir ajudou em seu processo de recuperação.

Às vezes, as crianças podem ser orientadas a projetos. Dar-lhes uma atividade pode ajudá-las a lidar com o que estão sentindo.² Ao focalizar no serviço ao próximo, elas se recuperam mais rapidamente, com atitudes mais positivas e uma adaptação mais saudável à sua nova realidade.³

Desenhar e pintar

Certa ocasião, eu (Natalie) estava aconselhando uma criança que enfrentava grandes problemas em seu lar. Seus pais

algum tempo lendo-os para uma criança. Isso também pode proporcionar um espaço seguro para que as crianças façam perguntas e se sintam compreendidas e ouvidas enquanto experimentam o processo de recuperação.

Brincar e se exercitar

Há algum tempo, eu (Natalie) acompanhei um garoto que lutava contra o *bullying* e a perseguição na escola. Parte de sua punição era, no recreio, correr ao redor do campo antes que pudesse brincar com outros alunos. Rapidamente me tornei sua companheira de corrida. E não importava se eu estava de tênis ou mesmo de salto alto; eu sempre corria pelo campo com ele e acabávamos falando sobre suas dificuldades.

Esse procedimento se provou muito proveitoso. Ao brincar e fazer atividades relativas à idade das crianças, elas se tornarão confiantes e se abrirão para compartilhar os problemas que estão vivenciando.⁷ Nunca as pressione a falar quando não estiverem prontas. Permita que elas digam o que pensam no tempo delas.

O exercício físico é uma excelente maneira de aperfeiçoar a saúde mental.⁸ Passar algum tempo praticando esportes ou brincando com as crianças pode ajudar a melhorar o humor delas. Elas representam o que veem ao redor por meio de brincadeiras e jogos de imitação. Você pode aprender muito sobre o mundo interior de uma criança observando suas brincadeiras. Por isso, muitos terapeutas usam fantoches e brinquedos para que elas expressem seus sentimentos e aprendam novas maneiras de lidar com suas emoções.

Criar um memorial

Após a morte de Calebe, um aluno da Escola Sabatina dos infantis, sua igreja decidiu plantar um jardim com árvores e flores em sua memória, na área em que as crianças costumavam brincar. Elas fixaram placas com versos da Bíblia por todo o jardim. Esse espaço lembra a vida de Calebe,

e as crianças frequentemente se recordam das brincadeiras com ele.⁹ Criar um memorial, como um banco ou uma árvore dedicada à pessoa, pode ajudar as crianças a lidar com o luto sentido meses e anos depois.¹⁰

Muitos personagens bíblicos fizeram isso como uma forma de se lembrar de algum ente querido falecido, comemorar o que Deus fez ou relembrar um momento significativo de sua história. Por exemplo, Josué disse aos filhos de Israel: "Passem adiante da arca do Senhor, seu Deus, até o meio do Jordão. Cada um levante sobre o ombro uma pedra, segundo o número das tribos dos filhos de Israel, para que isto seja por sinal entre vocês. E, no futuro, quando os seus filhos perguntarem: 'O que significam estas pedras para vocês?', respondam que as águas do Jordão foram cortadas diante da arca da aliança do Senhor. Quando a arca passou, as águas do Jordão foram cortadas. Estas pedras serão, para sempre, por memorial aos filhos de Israel!" (Js 4:5-7).¹¹

Rir

Mostre para as crianças que é saudável rir e aproveitar a vida, apesar das dificuldades. O riso tem valor terapêutico e pode ajudá-las a superar sentimentos negativos. Brincar com os amigos é importante; portanto ajude-as a encontrar atividades que lhes deem alegria.

Os benefícios do riso para a saúde mental são bem pesquisados pela comunidade médica, e os profissionais da área incentivam momentos de alegria e risos para quem está se recuperando de depressão ou outros problemas da vida.¹²

Conclusão

Essas ações podem ser realizadas por anciãos e membros da igreja, professores de Escola Sabatina, líderes de clubes de Aventureiros e Desbravadores, profissionais da educação e pastores. Seja consistente em seu ministério e use esses e outros recursos para ajudar as crianças a

lidar com os problemas da vida. Jesus ama e deseja que cuidemos delas enquanto se recuperam do sofrimento e reaprendem a viver plenamente. **IM**

Referências

- ¹ Todos os nomes são pseudônimos.
- ² Charlene Hess, "Why Should I Teach Kids the Importance of Helping Others?" Disponível em <bit.ly/3noRGIO>, acessado em 6/1/2021.
- ³ Red Mountain Colorado, "How Service Is Therapeutic for Teens". Disponível em <bit.ly/3hMCT34>, acessado em 6/1/2021.
- ⁴ "What Feelings Are In Your Heart: An Art Therapy Exercise for Kids". Disponível em <bit.ly/3okHlix>, acessado em 6/1/2021.
- ⁵ Cleveland Clinic, "3 Reasons Adult Coloring Can Actually Relax Your Brain". Disponível em <cle.clinic/2Xu7Zd3>, acessado em 6/1/2021.
- ⁶ Ver os seguintes livros da CPB. Para crianças de 2 a 4 anos: Natália Korsun, *Minhas Emoções* (2020). Crianças de 7 a 9 anos: Denis Cruz, *Saudade* (2012); *Ciúme* (2013); Elias Teixeira, *Felicidade* (2018); Fabiana Linden, *Complicou? O Que Fazer em Situações Difíceis* (2020). Pré-adolescentes de 10 a 13 anos: Giulia Marucci, *O Último Objetivo* (2019).
- ⁷ Karen Dineen Wagner, "Mental Health Benefits of Exercise in Children". Disponível em <bit.ly/3hNcg4k>, acessado em 6/1/2020.
- ⁸ S. J. Biddle, "Children, Exercise and Mental Health", *International Journal of Sport Psychology* 24(2), 1993, p. 200-216.
- ⁹ Naomi Naieman, "Grieving Kids Need Guidance". Disponível em <bit.ly/2Xnoo2x>, acessado em 6/1/2020.
- ¹⁰ Courtney E. Ackerman, "3 Grief Counseling Therapy Techniques & Interventions". Disponível em <bit.ly/3be6ZBG>, acessado em 6/1/2020.
- ¹¹ Loren Decker, "Biblical Memorials". Disponível em <bit.ly/3hMMBcd>, acessado em 6/1/2020.
- ¹² Mayo Clinic Staff, "Stress Relief from Laughter? It's No Joke". Disponível em <mayoclinic.in/3olhXz>, acessado em 6/1/2020.

S. JOSEPH KIDDER

professor do Seminário de Teologia da Universidade Andrews



NATALIE DORLAND

aluna do mestrado em Divindade no Seminário de Teologia da Universidade Andrews





Ele Diz, Ela Diz: Como um casal de líderes consegue superar as diferenças e construir um casamento de sucesso

Larry & Devi Titus, Mundo Cristão, 2020, 223 p.

Larry e Devi Titus, escritores e conferencistas internacionais, apresentam um livro único sobre casamento. Não se trata de um manual para lidar com as questões corriqueiras da vida a dois. *Ele Diz, Ela Diz* mostra como dois cônjuges de personalidade diferente e bem-sucedidos como líderes em suas respectivas áreas de atuação podem se amar e respeitar por mais de 50 anos.

Neste livro você verá que a difícil tarefa de respeitar individualidades, sem se anular, não só é possível como perfeitamente natural entre duas pessoas cujos princípios de vida convergem para tornar o casamento um relacionamento realmente abençoado.

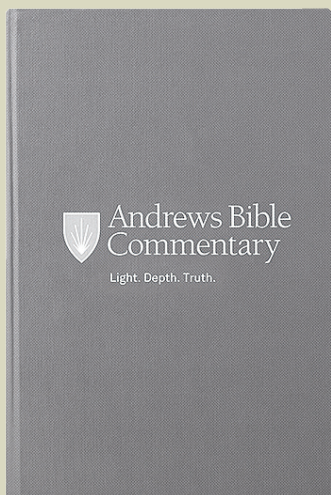


O Líder Sábio: Lições de liderança do livro de Provérbios

Alejandro Bullón, Casa Publicadora Brasileira, 2021, 128 p.

O mundo precisa de líderes sábios, capazes de conquistar o coração dos liderados. Líderes que inspirem e sejam referência para os que vierem depois deles, que influenciem e transformem a vida daqueles que os rodeiam. Afinal, como podemos ser líderes sábios?

Esta obra mostra, por meio de exemplos tanto dos tempos bíblicos quanto dos dias atuais, quais são as características de um líder sábio: ele busca a Deus, possui motivações saudáveis, toma decisões, conhece seu valor, é sonhador, honesto e humilde, entre outras virtudes. Comece essa trajetória a fim de se tornar um verdadeiro líder sábio para a glória de Deus!



Andrews Bible Commentary: Old Testament

Ángel Manuel Rodríguez, Daniel Bediako, Carl Cosaert, Gerald Klingbeil (orgs.), Andrews University Press, 2020, 1184 p.

O *Andrews Bible Commentary* foi escrito com a ajuda de 60 estudiosos adventistas de todo o mundo. Seu propósito é identificar a bendita esperança (Tt 2:13) nas páginas das Escrituras e inspirar todos os seus leitores a aprofundar seu relacionamento pessoal com Deus, levando-os a adorar Jesus como Salvador e Senhor.

Trata-se de uma obra atual, fácil de ser lida e com dezenas de artigos que aprofundam a compreensão a respeito do texto bíblico. O comentário foi escrito de maneira que recém-convertidos, experientes estudantes da Bíblia, pastores e professores serão grandemente beneficiados com sua leitura.

Uma Compreensão Missiológica da Covid-19

Marcelo Dias e Johnny Ramirez-Johnson – *Revista Kerygma*, v. 15, n. 1, 2020, p. 73-85.
(<https://doi.org/10.19141/1809-2454.kerygma.v15.n1.p73-85>)

A pandemia do novo coronavírus forçou as igrejas cristãs ao redor do mundo a revisitar sua auto-compreensão fundamental e suas atividades. Por meio de lentes etnográficas, os pesquisadores analisaram reações e adaptações em face da Covid-19 por parte de líderes religiosos do sul da Califórnia, Estados Unidos. Tendo um dos autores como participante-observador, o artigo inclui um estudo de caso da Igreja Adventista do Sétimo Dia Glendale City Church (GCC).

Baseado no conceito de interseccionalidade, um quadro teórico para a compreensão de como as identidades e experiências combinadas de uma pessoa podem gerar vantagens e desvantagens, o artigo propõe a primazia da lógica epistêmica do amor segundo 1 Coríntios 13. Diante desse cenário, qual seria a compreensão missiológica apropriada da Covid-19?

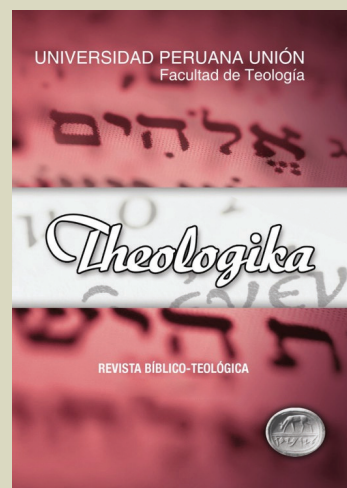


“El Día del Señor, Grande y Terrible”: El poder de las emociones y el lenguaje emotivo en los textos bíblicos apocalípticos

Gerald e Chantal Klingbeil – *Revista Theologika*, v. 35, n. 1, 2020, p. 48-66.
(<https://doi.org/10.17162/rt.v35i1.1371>)

Este estudo se concentra no campo pouco explorado das emoções e da linguagem emotiva na literatura apocalíptica bíblica, enfocando textos selecionados de Daniel e Apocalipse. Os autores pressupõem a natureza integral dos seres humanos.

O artigo oferece uma definição operativa a respeito das emoções e pretende fazer uma breve revisão de como elas funcionam. Assim, analisa algumas expressões emocionais negativas e positivas selecionadas dos capítulos 7 ao 12, de Daniel, e do livro do Apocalipse, avaliando algumas respostas emocionais que o leitor desses livros é motivado a experimentar. Finalmente, são apresentadas algumas conclusões sugestivas, resultantes dessa pesquisa pioneira.



The Conjugal Experience of James and Ellen White: Meanings built by the couple

Demóstenes Neves da Silva e Gerson Rodrigues – *Andrews University Seminary Studies*, v. 54, n. 2, p. 259-298.
(<https://digitalcommons.andrews.edu/auss/vol54/iss2/5/>)

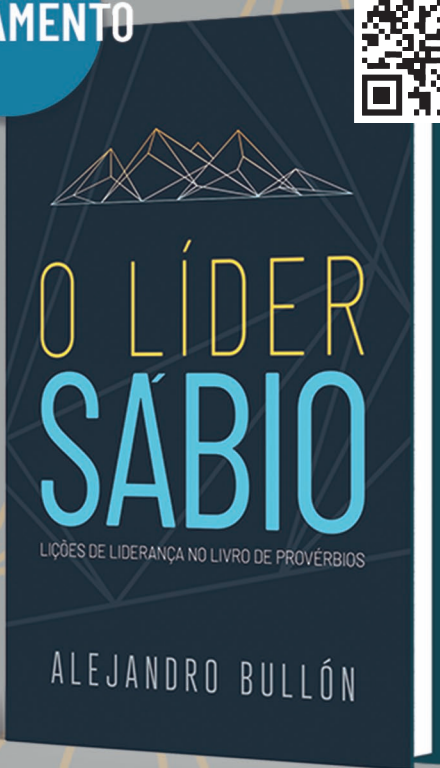
Tiago e Ellen White, cofundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia, se casaram em 30 de agosto de 1846 e tiveram um matrimônio de 35 anos, marcado por alegrias, desafios e um senso de missão que conferiu significado ao relacionamento conjugal.

Este artigo apresenta uma análise da dinâmica matrimonial dos White a partir de cartas escritas principalmente pelo casal, e considera suas experiências à luz do contexto histórico-cultural em que viveram. Uma das principais perguntas respondidas por este artigo é se os ensinamentos da igreja, particularmente os ensinamentos de Ellen White sobre o casamento, são consistentes com a experiência conjugal dela. Nesse sentido, o assunto é relevante para os adventistas e interessados na história da igreja.



SEJA UMA **INFLUÊNCIA E INSPIRAÇÃO** PELO EXEMPLO

LANÇAMENTO



MKT CPB | Adobe Stock



DICAS VALIOSAS PARA UM VERDADEIRO LÍDER!

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria |  15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimentolivrarias@cpb.com.br

WhatsApp



/cpbeditora

Baixe o
aplicativo
CPB



RELIGIOSIDADE PRÁTICA

John Locke (1632-1704), filósofo inglês, foi um dos grandes defensores da igualdade entre as pessoas. Embora vivesse em uma sociedade predominantemente desigual, Locke partia da premissa de que, por natureza, todos os seres humanos são iguais.

O pecado trouxe desigualdade entre as pessoas. A partir de então, o desejo de superioridade passou a reinar no coração dos seres humanos, buscando dessa forma, dominar e estar acima de seus semelhantes. Isso deu origem a um contexto social de desigualdade. Por isso, justiça, em sua verdadeira concepção, é elemento fundamental no processo de restauração da sociedade.

No dia 20 de fevereiro de 2009 foi comemorado pela primeira vez o Dia Mundial da Justiça Social, proclamado pela Assembleia das Nações Unidas dois anos antes. Atualmente, quando se fala no assunto, concebe-se, nas entrelinhas, a ideia de um ativismo que busca combater os opressores para defender os oprimidos.

Escrevendo aos cristãos de Roma, Paulo afirmou: “É a justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem. Porque não há distinção” (Rm 3:22). O contexto imediato da afirmação apostólica é o aspecto soteriológico da redenção da humanidade. As expressões “para todos”, “sobre todos” e “não há distinção” indicam um elemento-chave nas palavras de Paulo: a igualdade dos seres humanos perante Deus. Essa igualdade tem uma dimensão global e que abrange a vida em sociedade.

Embora a igreja esteja inserida em uma sociedade lamentavelmente dividida, ela tem uma missão que busca salvar a todos independentemente de sua etnia ou classe social (ver Mt 28:19; At 10:36; Ap 14:6, 7). O cumprimento da missão da igreja ocorre de forma prática, principalmente se considerarmos que ela existe para fazer a diferença (ver Mt 5:13, 14). Nesse contexto, justiça social transcende os limites teóricos da religião e busca restaurar o ser humano satisfazendo suas necessidades reais e sentidas.

Embora a igreja esteja inserida em uma sociedade lamentavelmente dividida, ela tem uma missão que busca salvar a todos.

Ellen White escreveu: “Em vista do que o Céu está fazendo pelos perdidos, como podem os que são participantes das riquezas da graça de Cristo deixar de mostrar interesse e simpatia pelos seus semelhantes? Como podem deixar-se levar por orgulho de classe e desprezar os desafortunados e pobres? (*Beneficência Social*, p. 209).

No Antigo Testamento, os profetas chamaram atenção do povo de Deus para a necessidade de uma religião prática não apenas em seus rituais, mas também no assistir aos necessitados (ver Is 58:1-7; Am 5:12, 21-27; Mq 6:6-8). No Novo Testamento, a igreja cristã destacou em sua missão evangelística a assistência aos desamparados. O ministério de Paulo aos gentios evidencia esse compromisso do cristianismo apostólico (ver At 4:32-35; 2Co 8:13-15).

“Os adventistas creem que as ações para reduzir a pobreza e suas consequentes injustiças são parte importante da responsabilidade social cristã. A Bíblia claramente revela o interesse especial de Deus pelos pobres e Suas expectativas em relação à forma como Seus seguidores agem diante dos incapazes de cuidar de si mesmos. Todos os seres humanos refletem a imagem de Deus e são como um vaso que recebe a bênção divina (Lc 6:20). No trabalho com os pobres, seguimos o exemplo e o ensinamento de Jesus (Mt 25:35, 36). Como comunidade espiritual, os adventistas do sétimo dia defendem a justiça para o pobre” (*Declarações da Igreja*, p. 102). **M**

Boas-vindas: A partir desta edição, o pastor Nerivan Silva passa a fazer parte da equipe da *Ministério*. Seja bem-vindo, amigo!



NERIVAN SILVA
editor associado
da revista *Ministério*



MKT CPB | Imagem: Daniel de Oliveira

LOJA DA FÁBRICA – TATUÍ, SP

CONHEÇA AS LIVRARIAS DA CPB

AMAZONAS
MANAUS
SÃO GERALDO
Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288 / (92) 98113-0576

BAHIA
CACHOEIRA
FADBA
Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300 / (75) 99239-8765

BAHIA
SALVADOR
NAZARÉ
Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543 / (71) 99407-0017

CEARÁ
FORTALEZA
CENTRO
R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779 / (85) 99911-0304

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA
ASA NORTE
SCN | Qd. 1 | Bl. A | Lj. 9, 17 e 23
Ed. Number One
(61) 3321-2021
(61) 98235-0008

GOIÁS
GOIÂNIA
SETOR CENTRAL
Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE
CENTRO
R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE
CENTRO
Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044
(31) 99127-1392

PARÁ
BELÉM
MARCO
Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130

PARANÁ
CURITIBA
CENTRO
R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Lj. 1
(41) 3323-9023
(41) 99706-0009

PERNAMBUCO
RECIFE
SANTO AMARO
R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941
(81) 99623-0043

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO
TIJUCA
R. Conde de Bonfim, 80 | Lj. A
(21) 3872-7375

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE
CENTRO
R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538
(51) 98163-0007

SÃO PAULO
ENGENHEIRO COELHO
UNASP/EC
Estr. Mun. Pastor Walter Boger, S/N
Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398 | (19) 98165-0008

SÃO PAULO
HORTOLÂNDIA
PARQUE ORTOLÂNDIA
R. Pastor Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070

SÃO PAULO
SANTO ANDRÉ
CENTRO
Tv. Lourenço Rondinelli, 111
(11) 4438-1818
(11) 94825-0112

SÃO PAULO
SÃO PAULO
MOEMA
Av. Juriti, 563
(11) 5051-0010

SÃO PAULO
SÃO PAULO
PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 28
5º Andar
(11) 3106-2659
(11) 95975-0223

SÃO PAULO
SÃO PAULO
VILA MATILDE
R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021

SÃO PAULO
TATUÍ
LOJA DA FÁBRICA
Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905

ENCONTRE TAMBÉM PRODUTOS:

